

Temas Discernimento



“O Movimento Calasanz é o coração da Fraternidade Escolápia.”



FRATERNIDADE ESCOLÁPIA NO BRASIL

TEMAS DE DISCERNIMENTO

“O Movimento Calasanz é o coração da Fraternidade Escolápia.”



SUMÁRIO

Documento 1

A BÍBLIA: PALAVRA GERANDO VIDA	11
1. DEUS REVELA O SEU AMOR À HUMANIDADE	11
1.1. A VIDA é a primeira Palavra de Deus	11
1.2. A Bíblia inspira, ilumina e suscita a VIDA	12
2. JESUS CRISTO É A PALAVRA DE DEUS AOS HOMENS	14
2.1. Deus se revela em Jesus de Nazaré	14
2.2. A vida e a mensagem de Jesus	15
2.3. O Evangelho é o coração da Bíblia	15
3. A BÍBLIA INSPIRA A VIDA CRISTÃ	17
3.1. A Bíblia: Palavra que educa a vida cristã	17
3.2. A Bíblia: fonte da vocação e missão dos cristãos	18
3.3. A Bíblia: fonte de oração e de ação cristã	19

Documento 2

JESUS CRISTO	21
TEMA 1 – O PROFETA DA GALILEIA	22
1.1. A Palestina na época de Jesus	22
1.2. O batismo de Jesus	23
1.3. Início da missão de Jesus	23
TEMA 2 - JESUS ANUNCIA O REINO DE DEUS	25
2.1. Uma proposta nova de vida	25
2.2. Um novo estilo de vida	25
2.3. A comunidade de Jesus	26
2.4. A conversão ao Reino de Deus e conflito	26
TEMA 3 – A AÇÃO DE JESUS	28
3.1. A ação de Jesus revela um Deus misericordioso	28
3.2. O milagre é um sinal da ação de Deus na história	29
3.3. O milagre desperta a participação	30

TEMA 4 – A MENSAGEM DE JESUS	31
4.1. A mensagem de Jesus nas parábolas	32
4.2. Os discursos de Jesus	33
TEMA 5 – A FÉ DE JESUS	34
5.1. O ambiente religioso onde nasceu Jesus	34
5.2. O Deus de Jesus.....	35
5.3. O deus de Jesus é o nosso Deus	36
TEMA 6 – A ORAÇÃO DE JESUS	38
6.1. A oração de Jesus	38
6.2. Jesus nos ensina a orar	39
6.3. A oração da obediência amorosa ao Pai	40
TEMA 7 – A COMUNIDADE DE JESUS	41
7.1. A comunidade, sinal do reino de Deus	41
7.2. A comunidade, fermento da nova sociedade	42
7.3. A Comunidade Cristã, escola de oração	43
7.4. A Comunidade Cristã é uma escola para servir	43
TEMA 8 – A MISSÃO EM JERUSALÉM	44
8.1. A entrada de Jesus em Jerusalém (Lucas 19, 41-44)	44
8.2. Jesus assume o conflito	45
8.3. Jesus aceita as consequências do conflito	46
8.4. A última ceia de Jesus	47
TEMA 9 – A MORTE DE JESUS NA CRUZ	48
9.1. Julgamento, paixão e morte na cruz	48
9.2. Por que mataram Jesus na cruz	48
9.3. Jesus entrega a própria vida por amor	49
9.4. Compromisso Cristão perante a cruz	50
TEMA 10 – A RESSURREIÇÃO DE JESUS	51
10.1. O medo dos Discípulos	51
10.2. Encontro com as mulheres e discípulos	51
10.3. Os relatos da ressurreição	52
10.4. Jesus Cristo é o Senhor	53

Documento 3

O MISTÉRIO DA IGREJA	55
1. A IGREJA CONTINUA A MISSÃO DE JESUS	55
1.1. Evangelizar: missão de Jesus e da Igreja	55
1.2. Identidade e pertença (Batismo)	56
1.3. Comunhão de filhos e irmãos (Eucaristia)	57
1.4. Testemunho: Profeta, Sacerdote e Rei (Pastor)	57
2. IGREJA, POVO DE DEUS	58
2.1. Comunidade que peregrina na fé	58
2.2. Comunidade de Jesus: discípulos	59
2.3. Igreja em saída: Missionários	60
2.4. Mística: Oração e Ação	61
3. IGREJA MINISTERIAL (SERVIDORA)	62
3.1. A serviço do Reino de Deus	62
3.2. Dons, carismas, serviços e ministérios	63
3.3. Ministérios ordenados, vida consagrada e laicato	64
3.4. Maria, modelo e intercessora da Igreja	65

Documento 4

SÃO JOSÉ DE CALASANZ	66
1. BREVE HISTÓRIA DE CALASANZ E DAS ESCOLAS PIAS	66
2. AS ESCOLAS PIAS	69
Carisma escolápio	70
Missão escolápia	70
Constituições da O. R. das Escolas Pias	70
CALASANZ HOJE	73



INTRODUÇÃO

*“Bem-vindos às Escolas Pias os que de coração já se sentiam escolápios!” Pe.
José Maria Balcells*

A Fraternidade Escolápia é o conjunto de fiéis associados em pequenas comunidades para viverem o carisma escolápico (espiritualidade, missão e vida), cada qual segundo sua vocação laical, religiosa ou presbiteral. Somos uma Comunidade de seguidores e seguidoras de Jesus, chamados e convocados por Deus em Fraternidade Escolápia, participando completamente do Carisma de Calasanz. Assumimos o Evangelho como nossa referência de vida e, fazendo parte da Escola Pia, caminhamos com toda a Igreja, comprometidos com a construção do Reino de Deus.

A vocação exige uma resposta pessoal ao que se intui como chamado de Deus, desde o convencimento de que essa opção será fundamental para a própria felicidade, realização e sentido da vida. Toda vocação precisa de um tempo de discernimento, de momentos de formação e oração, de acompanhamento por parte de alguma pessoa mais experimentada e de uma comunidade que ajudem no discernimento. Para isso, apresentamos este livro, que irá oportunizar a formação, levando-nos a fazer um encontro com o carisma e a missão de Calasanz e aprender como ser Fraternidade Escolápia. Entendendo que a nossa contribuição para a Igreja é sermos Escolápios, ao lado dos pobres, construindo o Reino de Deus e gerando atitudes de comunhão e participação na missão escolápica que acontece em cada presença.

Deus abençoe a Fraternidade. Calasanz nos una e interceda por nós. Nossa Senhora nos proteja e guie sempre. Amém!



A BÍBLIA: PALAVRA GERANDO VIDA

1. DEUS REVELA O SEU AMOR À HUMANIDADE

1.1. A VIDA é a primeira Palavra de Deus

A VIDA é a primeira Palavra de Deus e a Bíblia é a segunda, que vem para iluminar e potencializar a primeira. *“Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom.”* (Gênesis 1,31). *“Os céus proclamam a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra de suas mãos. O dia transmite ao dia a mensagem e a noite conta a notícia a outra noite. Não é uma fala, nem são palavras, não se escuta a sua voz. Por toda a terra, difundiu-se a sua voz e, aos confins do mundo, chegou a sua palavra.”* (Salmo 19, 2-5).

O universo e a vida que existe nas diversas formas falam de Deus para quem tem fé. Se não existisse a interferência do mal na história humana, todas as coisas nos revelariam o rosto e o coração do Criador. O ser humano é contaminado pelo mal, pelo pecado e não consegue enxergar, por si mesmo, o plano de Deus no mundo, nas pessoas. Mas, Deus não quis abandonar o homem, pois fomos criados por amor, para amar e participar da vida divina, da felicidade perfeita. Deus sente compaixão pelo ser humano na sua imperfeição e se aproxima dele com ternura para o chamar e conduzir por caminhos de vida plena.

Somos convidados, assim, a contemplar as pessoas e a natureza com amor, decifrando, em cada olhar e escuta, a presença e a voz do Senhor. Daí que a oração seja essencial para os cristãos, tanto pessoal como comunitária, para aprender a enxergar de forma nova as pessoas, a ouvir e acolhê-las com amor, pois tudo nos fala de Deus por meio dos seres criados, apesar da sua imperfeição. *“Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.”* (Mateus 5,8).

Se nos aproximarmos da Bíblia para procurar leis e normas que exigem e justificam certas condutas, ficaremos perdidos. Se utilizarmos a Bíblia para debater, discutir e buscar argumentos em favor das nossas opiniões, estaremos manipulando. Se quisermos, por meio da Bíblia, exigir que as pessoas pensem, sintam e façam como nós queremos, estaremos longe do Espírito do Senhor. A Bíblia inspira amor, acolhida, perdão, ternura, carinho, solidariedade, atitude em favor da justiça e da paz, defesa da vida e da vida humana digna para todos e todas. A Bíblia desperta, ilumina e impulsiona a evangélica opção preferencial pelos pobres. A vida é a primeira palavra de Deus; a Bíblia é a segunda, a serviço da vida digna e feliz para todos e todas.

1.2. A Bíblia inspira, ilumina e suscita a VIDA

“Tanto quanto o céu está acima da terra, assim os meus caminhos estão acima dos vossos caminhos e os meus projetos estão acima dos vossos projetos. Da mesma forma como a chuva e a neve, que caem do céu e não voltam para lá sem antes molhar a terra, tornando-a fecunda e fazendo-a germinar, a fim de produzir semente para o semeador e alimento para quem precisa comer, assim acontece com a Palavra que sai da minha boca: ela não volta para Mim sem ter produzido o seu efeito, sem ter realizado o que Eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual Eu a mandei.” (Isaias 55, 9-11).

A Bíblia contém 73 livros (72 se o Livro das Lamentações for incluído no Livro de Jeremias), que se dividem em dois grupos: Antigo Testamento (melhor denominado como Primeira Aliança), que consta de 46 livros, e Novo Testamento (ou Nova Aliança), que têm 27. A Primeira Aliança, antes de Jesus Cristo, para nós cristãos, prepara a Nova Aliança que inicia com Jesus e traz para a humanidade a revelação plena de Deus. O Novo Testamento revela para nós o Evangelho, que é a mensagem que Ele viveu e anunciou como a proposta de vida verdadeira.

A Primeira Aliança é a expressão da vida de fé do Povo de Deus, antes de Jesus, tal como eles experimentaram e entenderam. Essa compreensão de quem era Deus (Yavé) para eles e o que queria deles aconteceu aos poucos. Deus foi se revelando gradativamente com pedagogia e paciência, respeitando o jeito daquele povo. É por isso que algumas afirmações, sentimentos, atitudes ou práticas que o povo israelita pensava que era vontade divina, às vezes, pode ser e outras não. É necessário, para nós cristãos, confrontar com o Evangelho (Novo Testamento) para confirmar ou não, pois o próprio Jesus mudou algumas coisas importantes do judaísmo. A Igreja sempre acreditou que o Antigo Testamento é, também, Palavra de Deus, porém, com algumas reservas. Javé significa “Eu sou quem sou”; em hebraico somente escreviam as consoantes (JHAWH).

Os critérios principais para os cristãos interpretarem o Antigo Testamento são:

- O princípio da misericórdia e do amor incondicional de Deus por todo ser humano. Deus não castiga nem envia nenhum mal para ninguém. O sofrimento não é querido por Deus para ninguém, seja quem for. Deus permite, mas não quer nenhuma cruz para ninguém, como não a quis para seu Filho. O povo achava que Yavé enviara as pragas contra o Egito, mas, à luz do Evangelho, nós não pensamos desse jeito. Doenças, acidentes e sofrimentos

acontecem na história, mas não é Deus que envia. São conseqüências da própria existência, da irresponsabilidade ou da maldade humana. Sabemos por Jesus que Deus sofre com quem sofre e pede a todos nós o compromisso de superar toda dor e das causas dos sofrimentos.

- A salvação é universal. *“Deus quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: Jesus Cristo, homem que Se entregou para resgatar a todos.”* (1 Timóteo 2, 4-6). O povo israelita sentiu, às vezes, a tentação de pensar que a salvação era somente para eles; outras vezes, porém, compreendia que Deus quer que todos se salvem. Jesus revela que Deus ama a todos por igual, independentemente de religião, raça, povo ou cor da pele.

- O jeito de Deus agir na história não é no estilo do poder, de mandar ou dominar. Aquele deus guerreiro ou vingativo que é apresentado em alguns textos é superado por Jesus e pelos cristãos. Jesus é um Deus servidor que se entrega por amor a todos sem imposições. Ele traz propostas de vida respeitando a liberdade de consciência de cada um e sabe esperar com paciência o momento de cada ser humano. Jesus quer uma Igreja servidora e misericordiosa; não quer uma igreja de poder para dominar o povo.

- Deus gosta de trabalhar a consciência de cada pessoa, pedindo a participação para construir uma história nova, transformada, contando com o protagonismo das pessoas. Deus pode atuar como quiser, mas não gosta de fazer intervenções fantasiosas para mudar o curso dos acontecimentos, estilo “passagem do Mar Vermelho” etc. Os milagres de Deus são compartilhados com os homens, Deus age por meio das pessoas; esse é o milagre que Deus quer, o engajamento do ser humano no seu projeto de amor, fazendo acontecer vida nova onde prevalece a dor e a morte.

- Para compreender bem um texto bíblico, é bom partir sempre da vida e da mensagem de Jesus apresentadas no Evangelho. Tudo quanto combina com esses critérios encontra-se no caminho da vontade de Deus; aquilo que não é coerente com a prática e mensagem de Cristo distancia-se do coração de Deus.

- Tem muitos textos que não devem ser interpretados ao pé da letra, pois ficaremos perdidos, dado que estão veiculados a partir de um contexto e cultura muito diferente da nossa. O que é essencial que é o amor a Deus e ao próximo, sim, podemos entender e praticar literalmente.

PARA REFLETIR

Que dúvidas temos em relação à Bíblia? O que é fácil de compreender e o que é mais difícil? Nosso povo tem uma compreensão dos textos bíblicos ainda um tanto mágica, infantil ou adulta, com maturidade? Em que sentido? Quais critérios são os mais valiosos e importantes para interpretar a Bíblia de uma forma cristã, evangélica?

2. JESUS CRISTO É A PALAVRA DE DEUS AOS HOMENS

2.1. Deus se revela em Jesus de Nazaré

“Nos tempos antigos, muitas vezes e de muitos modos, Deus falou aos antepassados por meio dos profetas. No período final em que estamos, falou-nos por meio do Filho. Deus constituiu-O herdeiro de todas as coisas e, por meio d’Ele, também criou os mundos. O Filho é a irradiação da sua glória e n’Ele Deus exprimiu-Se tal como é em Si mesmo. O Filho pela sua Palavra poderosa é Aquele que mantém o Universo. Depois de realizar a purificação dos pecados, sentou-Se à direita da Majestade de Deus nas alturas. Ele está acima dos anjos, da mesma forma que herdou um Nome muito superior ao deles.” (Hebreus 1, 1-4).

Jesus, como homem, foi descobrindo a própria identidade e missão. Foi tomando consciência da sua relação toda especial com Deus, a quem chamava de ABBA, Papai querido. Ele chegou a compreender o projeto de Deus por meio de uma interpretação coerente da Escritura (Antigo Testamento), na linha dos profetas, especialmente Isaías. Viveu e falou com tal confiança e segurança a proposta na qual acreditava, que os discípulos estavam convencidos de que era o próprio Deus quem estava presente em Jesus, visitando o seu povo, atuando pelas suas mãos e falando pela sua boca. O próprio Jesus corrobora essa convicção afirmando que quem está vendo e escutando-O contempla e ouve ao Pai e quem a Ele escuta. O Evangelho de João é quem apresenta mais claramente essa relação entre Jesus e o Pai.

Quando era batizado nas águas do Jordão, foi consagrado pela a unção do Espírito e a voz do Pai: *“Tu és o meu Filho amado”* (Lucas 3, 22). Orando com os discípulos na montanha sagrada, o Pai declara que o seu projeto encontra-se plenamente nas mãos do Filho: *“Escutai o que Ele diz”* (Lucas 9, 35). No momento culminante e dramático da cruz, Jesus é consciente de ter cumprido toda a vontade do Pai: *“tudo está realizado”* (João 19, 30). Quando ressuscitado convoca os discípulos a assumirem a missão de evangelizar, declara que toda autoridade foi dada a Ele no céu e na terra

e os envia a realizar a mesma missão, fazendo discípulos d'Ele de todos os povos (Mateus 28, 16-20). Jesus Cristo é a chave de compreensão da história humana e da própria Bíblia que a ilumina, Ele é a Palavra viva do Pai para conduzir as pessoas, como Bom Pastor, pelos caminhos da vida verdadeira.

2.2. A vida e a mensagem de Jesus

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida” (João 14, 6).

A coerência entre a prática e a fala de Jesus é perfeita. O povo ficava admirado e dizia que falava com autoridade, pois o discurso era fiel expressão da vida. Para nós cristãos, a vida e a mensagem de Jesus são a referência perfeita da vontade divina, do projeto do Pai. Ele é a Palavra viva e fiel de Deus para a humanidade. Os discursos, as parábolas, os milagres de Jesus nos revelam o que Deus quer, também hoje, das pessoas, a chave de compreensão, de interpretação de toda a Bíblia, como Palavra de Deus. Qualquer texto bíblico encontra na vida e mensagem de Jesus o significado verdadeiro e atualizado, para os cristãos. A vida cristã é chamada a cada dia a se orientar pelo Evangelho vivido e anunciado pelo Profeta da Galileia.

1 No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava voltada para Deus, e a Palavra era Deus. 3 Tudo foi feito por meio d'Ela, e, de tudo o que existe, nada foi feito sem Ela. 4 N'Ela estava a Vida, e a Vida era a luz dos homens. 14 E a Palavra se fez carne e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai cheio de amor e fidelidade. 17 Porque a Lei foi dada por Moisés, o amor e a fidelidade vieram através de Jesus Cristo. 18 Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único que está junto do Pai. (de João 1, 1-18).

Na pessoa de Jesus, Deus está presente e a salvação acontece na vida das pessoas. *“Hoje se cumpriu essa passagem da escritura que acabais de ouvir” (Lucas 4,21).* A Palavra se faz vida em Jesus e a vida d'Ele é a Palavra de Deus. O povo percebe que, na pessoa de Jesus, no seu jeito de ser, na sua prática e nas suas palavras, Deus está presente. *“Hoje Deus visitou o seu povo” (Lucas 7, 16).*

2.3. O Evangelho é o coração da Bíblia

O Evangelho é vida, um estilo de ser, de sentir, de pensar, de agir. A Palavra acolhida com amor e em atitude de obediência filial transforma a forma de ver e compreender a realidade, as pessoas, a história; muda as atitudes radicalmente e muda a prática, as prioridades da vida, as escolhas e o rumo da história. A Palavra entra pelo ouvido (escuta) ou pelos olhos (leitura),

transforma a mente e o coração, projeta-se pelos lábios na oração de ação de graças, de louvor e de pedido para que aconteça o reino de Deus em nós e no mundo; em palavras que geram comunhão e bendizem; em mensagem que anuncia a Boa Nova de Jesus. A Palavra sai também, principalmente, pelas mãos, em obras de misericórdia, fazendo acontecer a vida nova que Jesus suscitava ao seu redor.

O Evangelho é o coração da Bíblia e o amor a Deus e ao próximo é o centro, o motor do Evangelho. *“Na tua opinião, qual dos três foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?”* O especialista em leis respondeu: *“Aquele que usou de misericórdia para com ele”*. Então Jesus disse-lhe: *“Vai e faz a mesma coisa”*. (Lucas 10, 36-37). Jesus não usou a Bíblia para julgar nem condenar ninguém, mas para acolher, perdoar, consolar, curar, animar, alegrar, orientar e semear os pensamentos, sentimentos, atitudes e obras que geram vida verdadeira, a vida que Deus semeou no mais íntimo do ser humano. Existem muitas formas de compreender e de interpretar um texto bíblico. Jesus escolheu um jeito de entender e de viver a Bíblia que é o Evangelho. Os discípulos e discípulas de Jesus aprendemos com Ele, ao longo da história, esse jeito especial que vai fazendo de nós mulheres e homens que pertencem a Cristo.

A própria vida de Jesus é um Evangelho vivo e que faz viver. Revela-se na sua missão pública. Por onde Ele passava com seus discípulos, mudava o ambiente. Fluía a alegria, a leveza, a harmonia e o desejo de ser melhor. O povo gostava de Jesus porque contagiava o amor de Deus e as pessoas se sentiam filhas do Pai, bem queridas. O povo entendia que Deus estava presente. A promessa divina de caminhar e apascentar o seu povo já era realidade, o povo sentia assim. O Evangelho é presente: “hoje, a salvação entrou nesta casa”; “eu te garanto, hoje estarás comigo no paraíso”; “Deus visitou hoje o seu povo”. Se a Primeira Aliança destaca o futuro como o tempo de realização das promessas, a Nova Aliança (Evangelho) sublinha o hoje como o tempo do Pai, em Jesus Cristo e pelo Espírito, fazendo acontecer a vida nova, a salvação nas pessoas e na humanidade. Logicamente, aqui, nesta terra, como início de um processo que espera pela plenitude, salvação, porém que já é real e convida os cristãos a acolher e viver essa graça divina.

É por isso que os cristãos entendemos a Bíblia à luz do Evangelho. O tempo passado é referência, a história humana na qual Deus se revelou ensina-nos muitas coisas para a vida presente. A partir, sempre, da luz do

Evangelho, da vida e mensagem de Jesus. O futuro é promessa de plenitude. Muitos irmãos e irmãs chegaram a essa plenitude do reino pela graça de Deus e pela resposta maravilhosa que deram, principalmente, por meio do amor gratuito ao próximo. Com Jesus, aprendemos que o tempo principal é o presente, nas circunstâncias que o povo e cada um vive, nas alegrias e tristezas, nas angústias e esperanças, pois Ele está presente no caminho da nossa história. É importante acordar a cada dia e se colocar nas mãos de Deus na disposição de fazer a sua vontade, na prática do amor fraterno. É isso que é o Evangelho, uma vivência do amor incondicional de Deus que nos impõe a amar as pessoas desse mesmo jeito que Jesus nos amou.

PARA REFLETIR

Na época de Jesus, muitos entendiam a Bíblia como uma Lei e por isso condenavam aqueles que não a cumpriam ao pé da letra. Como Jesus interpretava e praticava a mensagem bíblica? Qual foi a novidade que o Evangelho trouxe para o povo de Deus no tempo de Jesus? Ninguém vive o Evangelho à perfeição e, em cada época, aparecem tradições, devoções e outras práticas que podem ajudar ou não na vivência do Evangelho. Qual é a novidade que o Evangelho traz para o nosso jeito de viver o cristianismo?

3. A BÍBLIA INSPIRA A VIDA CRISTÃ

3.1. A Bíblia: Palavra que educa a vida cristã

“Quanto a ti, permanece firme naquilo que aprendeste e aceitaste como certo, pois sabes de quem o aprendeste. Desde a infância que conheces as Sagradas Escrituras; elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Jesus Cristo. Toda a Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para refutar, para corrigir, para educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito, preparado para toda a boa obra.” (2Timóteo 3, 14-17).

Assim como era e continua sendo para o povo israelita, a Bíblia é o livro que educa na vida da fé, por ser Palavra de Deus. Daí a importância da leitura diária da Bíblia, em atitude orante, de abertura à Palavra divina, para deixar que Ele venha orientar nossos passos. Por vários séculos, por causa da dificuldade de uma maioria de cristãos ler e compreender as Escrituras Sagradas, o povo cristão ficou bem por fora da mensagem bíblica, enchendo o conteúdo da vida da fé de mil práticas e devoções que substituíram o Livro Sagrado como o instrumento espiritual a formar a consciência do povo cristão. Nada pode substituir a Palavra na vida cristã, pois ela tem a primazia

na caminhada de fé. *“Como um jovem poderá manter puro o seu caminho? Observando a tua Palavra”* (Salmo 119 / 118, 9).

A vida cristã alimenta-se na Palavra, tanto pessoal como comunitariamente. Uma não dispensa a outra. A Igreja, na reforma litúrgica do Concílio, situou, novamente, a Palavra no lugar de destaque que tinha nas primeiras comunidades cristãs. A Palavra prepara e orienta os cristãos para a oração evangélica, sempre em purificação, pois somos discípulos e discípulas. Forma a mentalidade em conformidade com o projeto de Deus, pois os projetos e valores humanos, nos quais prevalecem os interesses dos grandes e poderosos, penetram profundamente as mentes e os corações do povo. Incentiva ao amor fraterno a exemplo de Jesus, fazendo da vida uma doação gratuita e generosa, sacrifício e culto que agrada ao Senhor. Abre-nos para a oração e a adoração em espírito e verdade, lâmpada que ilumina o caminho da fé no horizonte da vontade divina.

3.2. A Bíblia: fonte da vocação e missão dos cristãos

“Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi o seu clamor contra os seus opressores e conheço os seus sofrimentos. Por isso, descii para libertá-los do poder dos egípcios... Por isso, vá. Eu te envio ao Faraó, para tirar do Egito o meu povo” (Êxodo 3, 7-10).

O Deus da Bíblia é surpreendente! Não gosta de aparecer nem de mostrar, visivelmente, o seu poder. Ele quer o concurso do ser humano para agir em parceria. Ele tem um projeto de amor para cada pessoa e para a humanidade, mas para se realizar esse plano divino é necessário o compromisso humano. Deus gosta de agir em parceria e é por isso que chama a participar na construção de uma história nova. Esse chamado toma completamente conta da pessoa que escuta e aceita. Deus jamais impõe, propõe respeitando a liberdade de cada um. A história está em nossas mãos. A vocação está na essência da Bíblia, impregna toda a sua mensagem e literatura. Relata uma história de salvação (vida em abundância) feita por duas partes: Deus (invisível) e o seu povo encarnado em pessoas de fé que aceitam o chamado divino e se engajam no projeto do reino. Existem relatos e tradições que, para o povo não esquecer que Deus está presente em cada compromisso social e em cada conquista em favor de uma vida mais digna do povo, apresentam os fatos como se o Senhor estivesse intervindo diretamente. Por exemplo, a passagem do Mar Vermelho. Nós caímos na armadilha de entender como se esse fato fosse mágico, fantasioso, como uma intervenção sobrenatural que dispensa a mobilização e o compromisso humanos.

O exemplo de Jesus não deixa dúvidas para nós. *“O Espírito do Senhor repousa sobre mim. Ele me escolheu, me ungiu e me enviou para evangelizar os pobres, para devolver a vista aos cegos, para libertar os cativos, para proclamar o tempo de graça de Deus para todos”* (Lucas 4, 16-18). Jesus assume consciente e plenamente o projeto de Deus para os homens. Por isso, tem coragem de acrescentar: hoje se cumpre esta Palavra que acabastes de ouvir. É esse o programa para os cristãos: na vida toda e a cada dia. Numa vivência imatura ou devocional da fé cristã, procura-se a Deus para conseguir privilégios particulares, benefícios individuais. A fé amadurecida pelo diálogo Bíblia e vida, história humana, nos orienta a viver atentos ao chamado de Deus que ecoa na história e no Evangelho, para nos colocar ao seu dispor. Nesse sentido, a Bíblia gera cristãos adultos na fé, superando sentimentos religiosos ainda infantis ou mágicos. *“Jesus, com lágrimas nos olhos, suplicou a Deus que o libertasse da morte. E Deus o escutou porque foi obediente”* (Hebreus 5, 7). Jesus entregou sua vida pelo reino, para que todos tenham acesso à vida plena. Enfrentou, para tal, todas as forças do mal que a impedem. Foi atendido, porque com sua entrega de amor abriu as portas do reino para todos, superou a dinâmica do pecado, do egoísmo e da morte, resgatando a vida divina para todos.

3.3. A Bíblia: fonte de oração e de ação cristã

Na maioria das religiões, a oração parte da necessidade humana, procurando uma força superior para encontrar uma solução ou resposta satisfatória. A Bíblia nos revela um Deus diferente. Ele tem a iniciativa e sai à procura dos seres humanos para engajá-los na sua obra. Nessa perspectiva, a oração bíblica e a cristã apresentam uma dinâmica vocacional. Perante uma situação da história que contradiz o projeto divino, como, por exemplo, um sofrimento produzido por uma injustiça, Deus chama as pessoas para participar na transformação dessa situação de morte em sinais de vida. A oração bíblica desencadeia um processo interior de tomada de consciência sobre uma realidade de mal que limita a vida dos pobres, suscita uma nova mentalidade que não se conforma com essa situação, junto com sentimentos e atitudes de procurar a superação desse mal. Impulsiona ações afetivas e efetivas que transformem a história. Nesse sentido, a Bíblia inspira uma oração de engajamento com a história humana, ao estilo de Jesus. Nada a ver com o Evangelho uma oração que aliena e satisfaz a consciência da pessoa sem comprometer a nada e deixando as coisas do jeito que estão. Essa oração seria mais uma técnica para a pessoa relaxar e se sentir bem,

para acalmar e adormecer a própria consciência, numa atitude de alienação e indiferença com tudo o que se passa ao redor. É nesse sentido que Jesus, um dia, disse: *“Vim para lançar fogo sobre a Terra: e como gostaria que já estivesse aceso! 50 Devo ser batizado com um batismo, e como estou ansioso até que isso se cumpra! 51 Pensais que vim trazer a paz à terra? Pelo contrário, Eu digo-vos, vim trazer divisão.”* (Lucas 12, 49-51). Ele não veio para deixar as coisas do jeito que estão, para justificar tudo quanto há de errado na história humana. Ele veio para transformar. A oração cristã situa-se a serviço dessa transformação, mudança ou conversão, tanto pessoal como social. Daí a oração do Pai Nosso que Ele nos ensinou, que brota do mais profundo da mensagem bíblica e representa o centro da mensagem do Evangelho. Ensina-nos a antepor em nossa vida de oração a vontade do Pai, o reino da justiça, da paz e da igualdade aos nossos mesquinhos interesses.

No mundo atual, em geral, Deus fica de fora da vida social: família, trabalho, lazer, amigos, cultura. Por isso mesmo, é de fundamental importância para a comunidade cristã, cuidar com maior esmero dos momentos de oração e oferecer tanto na catequese, nas pequenas comunidades, retiros, reuniões de pastorais e outras oportunidades uma formação sólida e bem fundamentada sobre a oração cristã a partir da Bíblia, sem excluir as práticas devocionais tradicionais, porém, superando as mesmas.

PARA REFLETIR

Quais são as diferenças entre uma oração “pagã” e uma oração cristã? Como podemos superar a prática devocional para criar hábitos de uma oração bíblica, no estilo de Jesus? Nossas comunidades, grupos e pastorais são uma escola de oração evangélica? Quais desafios do mundo moderno dificultam mais o aprendizado de uma oração viva e dinâmica a serviço do reino de Deus?

JESUS CRISTO

PROPOSTA: QUEREMOS CONHECER JESUS

Iniciamos uma série de encontros para conhecer e amar melhor a Jesus Cristo, nosso irmão e Senhor. A pergunta que Ele fez aos discípulos “*e para vocês, quem sou eu?*” (Mateus 16,15) continua atual para cada um de nós. A Fraternidade Escolápia é, primeiramente, um estilo de vida para seguir Jesus, para viver o Evangelho em pequena comunidade cristã escolápia. Quem é Jesus?

Paulo pretende conhecer cada vez melhor a Jesus Cristo para viver em comunhão mais intensa com Ele. “*Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora o considero como perda. E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa d’Ele, perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, e estar com Ele*”. (Filipenses 3, 7-9a). Nós, também, queremos conhecer e amar melhor a Cristo para viver cada dia em comunhão de amor e de fé mais profunda, testemunhando o Evangelho em nossas vidas e servindo ao reino de Deus, que é o projeto divino para a humanidade.

A metodologia para alcançar esse conhecimento é a mesma que Deus utiliza com os homens: a partir do Jesus humano (mistério da Encarnação) vamos nos encontrar com o Jesus Filho de Deus (mistério da Salvação). É por isso que, na pedagogia divina revelada na Palavra de Deus, esse conhecimento cristão inicia-se a partir da história humana, dos acontecimentos humanos, para compreender, à luz da mensagem do Evangelho, o projeto de Deus para nós, em chave vocacional: Deus nos chama e nossa vida cristã é a resposta a esse chamado divino. O conceito do conhecimento tem na Bíblia um significado diferente do que tem no mundo e na cultura ocidentais. Não se trata de um saber por saber, acumulação de conhecimentos, de dados científicos. O conhecimento na Bíblia é vivência, encarnar a mensagem divina na história da gente. Para Paulo, conhecer Jesus significa amá-lo, segui-lo, imitá-lo e servir ao Evangelho que é a proposta de vida de Cristo.

TEMA 1 – O PROFETA DA GALILEIA

1.1. A Palestina na época de Jesus

A Palestina era a terra onde Jesus nasceu, viveu e morreu. De tamanho menor do que o Triângulo Mineiro. Na época de Jesus, era uma terra dominada pelo poder do Império Romano. Os impostos eram pesados e o povo sofria muito com aquela opressão. Jesus nasceu na época do imperador Augusto César, entre os anos 6 e 4 a.C. Jesus, filho de Maria e considerado filho de José, o carpinteiro de Nazaré, viveu nessa cidade a maior parte da sua vida. Falava o aramaico, língua do povo da época. Conhecia o hebraico, língua utilizada na liturgia judaica. Devia conhecer também algo da língua grega, pois era conhecida na região que fazia parte do Império Romano.

A religião de Jesus era o Judaísmo, com centro no templo de Jerusalém para onde o povo peregrinava com frequência, a pé. Todos os sábados participava do culto bíblico na sinagoga, onde se proclamavam as leituras: a primeira, dos livros da Lei (Torá) e a segunda, dos livros dos Profetas. Recitavam-se também os Salmos.

O povo esperava que Deus (YaHWÉH) enviasse um messias para libertar o povo da opressão dos romanos. Esse messias viria instaurar um governo implantando a Lei de Deus em toda a terra e acabaria com os inimigos e os pecadores.

Os fariseus eram um grupo religioso que observava a Lei ao pé da letra e eram fanáticos pelo cumprimento de cada item, ameaçando com castigos divinos a quem não cumprisse tudo com extremo rigor. Os doutores da lei eram especialistas que interpretavam a mesma, normalmente faziam parte do grupo dos fariseus. Os saduceus pertenciam às famílias mais ricas ligadas aos sumos sacerdotes. Controlavam o culto e o comércio do templo de Jerusalém. Não gostavam dos protestos e revoltas do povo contra os romanos, pois viviam do negócio que geravam as constantes e grandes peregrinações à cidade santa, vindas de muitos países. Os publicanos recolhiam os impostos para Roma e se enriqueciam com esse ofício, sendo odiados pelo povo. O povo simples, a maioria agricultores, pastores e pescadores que viviam do sofrido trabalho de cada dia, sustentando a todos e pagando impostos a Roma. Era uma classe humilhada e explorada e, ainda, ficava com medo de um deus que, pela boca dos sumos sacerdotes e dos fariseus, exigia muito e ameaçava com castigos pesados. Os herodianos e outros grupos amigos dos romanos usufruíam de todas as vantagens políticas e sociais e viviam da política conservadora, em aliança com o império dominante, explorando

o povo simples. Os zelotes acreditavam que a libertação do povo viria pela força das armas. O messias seria um homem ungido por Deus, para organizar um exército de judeus fiéis que enfrentaria os romanos até derrotá-los e instaurar um governo regido pela Lei divina e capital em Jerusalém. Na hora decisiva do combate, deus enviaria anjos para combater ao lado dos seus fiéis e mostrar a sua glória humilhando os inimigos.

1.2. O batismo de Jesus

Naquele ambiente profundamente religioso e cheio de expectativas em relação à chegada de um messias que libertasse o povo dos romanos, apareceu no deserto um profeta que atraía as multidões, tanto pelo seu testemunho de vida como pela mensagem crítica contra o poder, chamando à conversão e à penitência. Era João Batista, profeta austero que habitava no deserto e chamava à conversão, batizando no rio Jordão. Criou-se, ao redor dele, um grupo de discípulos, entre os quais estava Jesus, que, mesmo sem pecado, pediu o Batismo de João como gesto para se solidarizar com a humanidade inteira e sinalizar uma nova missão. Quando João foi preso pelo rei Herodes, Jesus iniciou a missão pública. Há semelhanças entre os dois profetas, pois os dois anunciam o reino de Deus, não pela violência e sim por meio de uma atitude de vida pessoal. Há alguma diferença: João anuncia o castigo, o machado que vai cortar a árvore ruim pela raiz; Jesus enfatiza a misericórdia e o perdão de Deus.

Depois de ser batizado, Jesus se recolhe em oração no silêncio e solidão do deserto, para colocar a sua missão nas mãos de Deus. Descobriu que Deus não quer um messias poderoso, guerreiro e dominador que virá implantar pela violência o reino de Deus. Ele toma consciência de que o caminho de Deus, tal como anunciara pelo profeta Isaías, passa pelo serviço, a atitude de amor e de perdão e pela entrega de si mesmo em favor do povo. Supera, assim, as tentações de um messias glorioso para ser um servo que assume as dores do povo e se entrega a si mesmo como doação amorosa em favor da humanidade.

1.3. Início da missão de Jesus

Jesus iniciou a sua missão de evangelizar na Galileia, onde realizou uma intensa atividade, com obras e palavras, anunciando o reino de Deus. Obras de cura e consolação, manifestando o coração misericordioso do bom Deus, ABBA (Papai querido). Palavras de esperança e de alegria, revelando um Deus que não é juiz severo, nem guerreiro, nem condena, nem castiga.

Jesus revela um Deus que ama e quer a felicidade de todo ser humano. Não discrimina, acolhe os pobres, os pecadores, os doentes, as crianças e as mulheres, grupos sociais que eram discriminados naquela época.

Por onde Jesus passava, renascia a esperança, o povo gostava dele, das suas palavras, do seu jeito, das suas curas, do seu olhar. O ambiente mudava ao seu redor. As pessoas se reconciliavam, voltavam à amizade, se acolhiam, se ajudavam. O povo sentia que Deus estava visitando o seu povo trazendo luz, alegria, bondade, dignidade, paz e amor ao coração. Tudo mudava e as pessoas se sentiam bem, acolhidas e amadas por Deus.

Jesus não quis fazer as coisas sozinho. Desde o início, formou um grupo de discípulos e discípulas que viviam entre eles a fraternidade do reino de Deus, se acolhendo e amando como verdadeiros irmãos e irmãs e se disponibilizando para servir ao povo. Jesus aceitou também as mulheres no seu grupo de discípulos (**Lucas 8, 1-3**), mudando totalmente a mentalidade e a prática daquela época.

Também, desde o princípio, Jesus encontrou oposição. Principalmente pelos que tinham interesses sociais a defender. Jesus não se apresentava como um mestre a mais, como uma opinião entre outras. Tinha a pretensão de falar em nome de Deus (**Mateus 5, 20-48**), corrigindo a Escritura naquilo que deve ser superado. As autoridades, perante a realidade do seu sucesso com o povo, resolveram cedo acabar com Ele. Chama a atenção a aliança contra Jesus, selada entre antigos inimigos políticos, como eram os fariseus e os herodianos (**Marcos 3,6**). A própria família não entende a atitude de Jesus e quer levá-lo de volta para casa (**Marcos 3, 20-21.31-35**). Jesus apresentou na sua cidade, Nazaré, o projeto que vivia e pregava, o motivo da sua missão (**Lucas 4, 16-21**). Os seus concidadãos ficaram escandalizados, pois conheciam a família dele e o seu trabalho anterior, que era carpinteiro (e pedreiro). A maioria do povo gostava das suas palavras e dos seus sinais. O povo procura se encontrar com Jesus para ser curado e para encontrar palavras de vida e Jesus sente dor pela situação do seu povo, porque estava como ovelhas sem pastor (**Mateus 9, 35-38; Marcos 6, 30-44**). Ele e os seus discípulos percorriam todas as cidades e aldeias anunciando o Reino, de forma que não tinham tempo nem de comer.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

Por que os primeiros discípulos gostavam de Jesus? O que tinha ele de diferente? E para o povo, quem era Jesus? O que mais gostou do texto? Que aspectos da vida de Jesus você descobriu? Que significa hoje Jesus para você, na sua vida? Por que vale a pena hoje ser discípulo dele?

TEMA 2 - JESUS ANUNCIA O REINO DE DEUS

2.1. Uma proposta nova de vida

Na época de Jesus, o povo entendia o reino de Deus como uma proposta político social que, vindo do céu, invadiria a terra, submetendo tudo às leis divinas. O messias, agente ungido por Deus, faria acontecer pela força das armas essa nova realidade, à qual se submeteria todo ser humano. Outros imaginavam, ainda, que seria um zeloso cumpridor da Lei ou um sacerdote puro que, em todo caso, implantaria com o poder divino esse reino. Jesus, inspirado pelos profetas, especialmente por Jeremias e Isaías, entendeu o reino de Deus de forma bem diferente. O reino de Deus é o projeto divino, a proposta de vida, o sonho de Deus para cada um e para todos, mas que não se impõe. No plano de Deus, o que é bom para um é bom para todos; tudo encaixa maravilhosamente, de forma coerente. No plano dos homens, cada um procura o melhor para si sem se preocupar com os outros; então surgem os conflitos, disputas, invejas e opressões. Deus, porém, não impõe o seu projeto a ninguém. Ele propõe a sua vontade para o ser humano aceitar livremente, a partir da própria consciência, de coração. Deus nos criou por amor e para amar. Somente podemos amar a partir de uma consciência livre e por própria decisão. É, por isso, que o reino de Deus acontece em interação: a graça de Deus e o compromisso da gente. Assim nasce um estilo novo de viver que é o Evangelho. Trata-se de uma proposta ou convite que Deus faz a cada pessoa, respeitando a liberdade de cada qual e contando, necessariamente, com a colaboração livre e por amor das pessoas. Deus tem paciência e respeita a decisão humana, a autonomia da história. Ele quer pessoas adultas e com maturidade. Tudo parte de uma nova imagem de Deus e de um novo jeito de se relacionar com Ele e com o próximo.

2.2. Um novo estilo de vida

Jesus iniciou junto com seus discípulos um novo estilo de vida que, partindo de uma vivência nova da fé em um Deus que é amor, ternura, bondade, misericórdia e perdão, faz brotar em cada um convicções, sentimentos, atitudes e uma prática nova de viver. Por onde Jesus passava, renascia a esperança, a alegria de viver, a amizade e o espírito solidário, de colaboração e de partilha. As pessoas acolhiam Jesus e o grupo dele com alegria, sentiam-se visitadas por Deus, amadas, queridas, perdoadas, protagonistas do reino. Jesus inspirava confiança e transmitia uma fé nova, contagiava a esperança e o desejo de viver melhor.

Jesus realizou, pela região da Galileia, uma intensa atividade missionária anunciando o Reino de Deus com obras e palavras. Palavras de esperança e obras que manifestavam o coração misericordioso de Deus. Percorreu todas as cidades e aldeias ensinando e curando. O povo procurava Jesus, pois ensinava com autoridade e fazia o que dizia, era coerente entre aquilo que falava e a sua prática. Marcos nos relata como era um dia na vida de Jesus nessa fase da sua pregação (**Marcos 1, 21-39**).

2.3. A comunidade de Jesus

“Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram ter com Ele. Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com Ele e para os enviar a pregar” (Marcos 3, 13-14). Jesus não iniciou a sua missão sozinho. Desde o princípio da sua atividade pública, agiu acompanhado pelos seus discípulos e discipulas. Formou um grupo de seguidores para aprender com Ele a viver e conviver no estilo novo do Evangelho e para participar da missão de evangelizar. Essa experiência da comunidade de Jesus é fundamental para os cristãos. Jesus ensina-os a se relacionar em harmonia impregnada pelo amor verdadeiro com Deus, com as pessoas, com a natureza e consigo mesmo. Jesus criou com eles uma fraternidade, para aceitar, juntos, o reino de Deus, acolhendo-se como verdadeiros irmãos e irmãs, tecendo relações humanas mais autênticas e de amizade. Trata-se de uma comunidade que, a partir de uma vivência de comunhão de amor com Deus e com os irmãos e irmãs, volta-se e projeta para a missão de evangelizar, de anunciar o reino de Deus à humanidade. (**Lucas 5, 1-11**).

A comunidade de Jesus é a referência para toda comunidade cristã. Essa comunidade é muito importante para a missão de Cristo, pois é um sinal de uma nova humanidade que, a partir do amor divino, consegue avançar em relações humanas e sociais mais solidárias e amigas, em paz consigo mesmo e com os outros, semeando no mundo uma nova visão de ser humano e de sociedade, com maior maturidade. Jesus quer discípulos e discipulas que sejam sujeitos na Igreja e na sociedade de uma nova história onde todos tenham voz e vez. O anúncio da Boa Nova necessita desse sinal visível, embora inacabado, que é a comunidade cristã.

2.4. A conversão ao Reino de Deus e conflito

Jesus proclamava o Reino da justiça e da paz anunciado pelos profetas: convertei-vos, o Reino está próximo. Jesus representa uma transformação de valores, um novo jeito de ser (**Mateus 5, 1-16**) e de se relacionar (**Lucas 6, 20-26**).

O Reino de Deus já está no meio de nós, como uma semente que precisa ser acolhida e cultivada por cada um e pela comunidade (**Marcos 4, 26-32**). Alguns não entendem essa vida nova que Jesus traz, mas para quem aceita e se compromete com o Evangelho, o Reino é como o tesouro escondido que só quem acha sabe do seu valor (**Mateus 13, 44-46**). Muitas pessoas aceitaram a proposta de Jesus, compreendendo que o reino de Deus não é uma realidade meramente externa, mas que, nascendo da própria consciência e vontade, abrange toda a realidade humana: pessoal, comunitária e social. Deus nos quer protagonistas desse reino, do seu projeto de amor, e não, simplesmente, seres passivos, que somente assistem uma desejada intervenção divina na história, sem contar com a participação da gente. Conversão não se refere somente ao fato de deixar de pecar. É mais profundo e envolve a vida das pessoas por inteiro. Conversão significa criar, de forma interativa com a graça divina, principalmente a partir da Palavra articulada com a história e a vida dos pobres, uma nova forma de compreender a realidade (convicções), de sentir a vida, de tomar atitudes evangélicas, de assumir uma prática de misericórdia, de reconciliação, de amizade e de solidariedade com quem sofre.

Também, desde o princípio, Jesus encontrou oposição. Principalmente pelos que tinham interesses sociais a defender. Jesus não se apresentava como um mestre a mais, como uma opinião entre outras. Tinha a pretensão de falar em nome de Deus (**Mateus 5, 20-48**), corrigindo a Escritura naquilo que deve ser superado. As autoridades, perante seu sucesso com o povo, resolveram cedo acabar com Ele. Chama a atenção a aliança contra Jesus selada entre antigos inimigos políticos como eram os fariseus e os herodianos (**Marcos 3, 6**). A própria família não entende a atitude de Jesus e quer levá-lo de volta para casa (**Marcos 3, 20-21.31-35**). As autoridades do povo perceberam que a visão que Jesus tinha de Deus era um perigo para o poder. Os governantes pregavam um deus severo, juiz implacável que condena e castiga, distante e implacável. Esse deus assustava o povo que ficava submetido ao poder por medo. Toda doença ou mal era considerado como castigo divino por causa dos pecados. Jesus mudou radicalmente essa visão, libertando a mente e o coração do povo quando vive e anuncia um Deus de amor e de misericórdia, próximo e amigo.

Chama a atenção a aliança contra Jesus, selada entre antigos inimigos políticos, como eram os fariseus e os herodianos (**Marcos 3, 6**). A própria família não entende a atitude de Jesus e quer levá-lo de volta para

casa (**Marcos 3, 20-21.31-35**). Jesus apresentou na sua cidade, Nazaré, o projeto que vivia e pregava, o motivo da sua missão (**Lucas 4, 16-21**). Os seus concidadãos ficaram escandalizados, pois conheciam a família dele e o seu trabalho anterior, que era carpinteiro (e pedreiro). A maioria do povo gostava das suas palavras e dos seus sinais. O povo procura se encontrar com Jesus para ser curado e para encontrar palavras de vida e Jesus sente dor pela situação do seu povo, porque estava como ovelhas sem pastor (**Mateus 9, 35-38; Marcos 6, 30-44**). Ele e os seus discípulos percorriam todas as cidades e aldeias anunciando o Reino, de forma que não tinham tempo nem de comer.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

As pessoas procuram também hoje uma intervenção divina extraordinária para resolver os problemas de cada dia? Como? Como nós entendemos a interação entre a graça divina e o compromisso humano? Jesus viveu uma parceria adulta com Deus e com os irmãos; e nós? Entendemos, hoje, a vida da fé como um avançar progressivo e com maturidade da nossa mentalidade, nossos sentimentos, nossas atitudes e nossa prática diária cada dia mais em coerência com a vida e a mensagem de Jesus que é o Evangelho?

TEMA 3 – A AÇÃO DE JESUS

3.1. A ação de Jesus revela um Deus misericordioso

O estilo de vida de Jesus, as suas atitudes e ações, as relações humanas que foi tecendo na sua atividade missionário, o seu olhar, a atenção que prestava às pessoas, o cuidado que dedicava a cada um, especialmente aos pequenos e sofredores, revelam a mão de Deus, a presença atuante do Pai na história. O povo entendia assim: *“Hoje, Deus visitou o seu povo”* (**Lucas 7, 16**). O milagre é um sinal que faz parte dessa ação e que aponta para a presença do reino de Deus na história humana. Jesus chama a atenção para isso: Deus está próximo de cada um, preocupa-se com a vida das pessoas, acompanha, está presente e participa em favor do ser humano com a sua graça. Jesus revela que existe uma parceria entre Deus e o homem para a vontade divina acontecer e Ele pede a participação das pessoas na obra divina. Resiste, aparentemente, a fazer milagres para evitar uma visão fantasiosa de Deus ou aquela impressão de favoritismo, ajudando uns e esquecendo os outros. O amor de Deus é igual para todos. Somente tem preferência pelos mais pobres, excluídos e marginalizados. Jesus prova a fé de quem pede, cobra uma atitude e, principalmente, revela, por meio de cada sinal que o reino de Deus está muito perto e pede engajamento, compromisso com o projeto

divino. O verdadeiro sentido do milagre consiste em que a presença de Deus desperta no ser humano o sujeito adormecido ou dominado pela força do mal. “*Menina, levanta-te*” (Marcos 5, 41). O milagre consiste em resgatar as pessoas, impedidas de terem autonomia e iniciativa por causa do mal (doença, pecado, alienação, egoísmo etc.), para serem protagonistas da história.

A maioria do povo gostava de Jesus, das suas palavras e sinais. A multidão procura se encontrar com Ele para ser curada e escutar palavras de vida e de motivação. Jesus sente dor pela situação do seu povo porque estava como ovelhas sem pastor (Mateus 9, 35-38; Marcos 6, 30-44). Mesmo que o povo lhe procurasse pelos milagres e não pela proposta de uma vida nova (Mateus 15, 29-31) Jesus acolhia a todos com bondade. As pessoas pensavam que o Messias apareceria de repente e, então, seria o final dos tempos, com a irrupção do Reino de Deus, de uma forma mágica e definitiva, resolvendo de vez todos os males e problemas. Jesus anuncia o Reino de Deus de uma forma diferente: ele já está no meio de nós e precisa de fé e de acolhida, de conversão para que possa crescer em cada um e no povo. A Boa Nova necessita da participação humana para fazer acontecer. Suscitar essa participação e engajamento em favor do reino de Deus, praticando o amor ao próximo, é o verdadeiro milagre que Deus quer.

3.2. O milagre é um sinal da ação de Deus na história

“Jesus tomou a palavra e disse: O que é mais fácil? Dizer: “Os teus pecados estão perdoados”, ou dizer: “Levanta-te e anda?” (Lucas 5, 23).

Os milagres de Jesus são SINAIS do amor de Deus pelos seres humanos. Ele preocupa-se com a felicidade das pessoas, quer o bem e a realização para todos. A plenitude do amor e da felicidade será na outra vida, porém, Jesus nos mostra que nossa missão consiste em acolher e fazer acontecer essa proposta em nossa história. Deus revela a sua presença amorosa quando os seus filhos e filhas, a exemplo de Jesus, se doam em favor do próximo, colaborando na superação da dor e das situações que impedem as pessoas de viverem com dignidade: a fome, a dor, a incompreensão, as doenças, as discriminações... e, principalmente, a causa de toda limitação e de mal que é o pecado. Esse é o principal significado do milagre e, nesse sentido, nós somos chamados “a fazer milagres”, a sermos, na terra, sinais do amor do Pai para as pessoas. Quando Jesus atua é o próprio Deus que está agindo. Isso significa que é necessário que vivamos uma comunhão tão profunda com Deus que assumimos o seu amor em favor do próximo, principalmente dos sofredores. Desse jeito, Deus olha, escuta, sente, pensa e

atua por meio de nós, do jeito que acontecia com Jesus. Nós precisamos fazer milagres! Somos chamados a sermos sinal de Deus no meio do mundo: pela palavra, convicções, sentimentos, atitudes, obras e estilo de vida.

Tem sinais (milagres) que revelam a divindade de Cristo, quando atua com autoridade sobre as forças da natureza e sobre a própria morte. Jesus caminhando acima do mar, acalmado a tempestade, ressuscitando os mortos revela que é Deus encarnado na história. O mar representava, no imaginário judaico, o poder do mal. Jesus está acima do mal, do pecado e da morte e tem poder para sustentar nosso compromisso de fé em favor do reino apesar de nós sermos pecadores. A presença de Cristo na vida dos cristãos é garantia de que o evangelho é o fermento divino para transformar a história naquele pão que se parte e se reparte para todos e que representa a igualdade, a fraternidade, a justiça, o amor e a paz para toda a humanidade. Esse pão de Deus, que é a própria vida do Filho de Deus, além de sinalizar a presença do reino é um alimento que faz acontecer esse mesmo reino. A eucaristia, presença viva e real de Jesus no meio de nós, é o grande milagre e sinal do amor de Deus que ilumina e alimenta a caminhada dos cristãos, inspirando neles o amor de Deus em favor dos homens.

Os sinais de Jesus são todos em favor da vida e da dignidade do ser humano. Nada fez para aparecer ou satisfazer a curiosidade dos outros; negou-se a ser “espetáculo” social. *“Herodes ficou muito contente ao ver Jesus, pois já ouvira falar a respeito d’Ele e há muito tempo desejava vê-l’O. Esperava ver Jesus fazer algum milagre”* (Lucas 23,8). Jesus nada falou nem fez perante esse rei desonesto, criminoso e cruel.

3.3. O milagre desperta a participação

“Quando começou a entardecer, os discípulos chegaram perto de Jesus e disseram-Lhe: «Este lugar é deserto e já é tarde. Despede o povo, para que possa ir aos campos e povoados vizinhos comprar alguma coisa para comer». Mas Jesus respondeu: «Vós é que tendes de lhes dar de comer” (Marcos 6, 35-37).

Jesus não gostava muito de fazer milagres porque as pessoas entendiam os milagres como intervenções privilegiadas, individuais, favores particulares que não levam a compreender que a vida, em si mesma, é o grande milagre, ainda mais porque é impregnada do amor imenso de Deus.

Jesus pede uma participação do ser humano para que o sinal divino possa acontecer e transparecer. Quando, saindo de Jericó rumo a Jerusalém, a comitiva se encontrou com o cego de Jericó (Marcos 10, 46-52) que gritava “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim”, Jesus fez de conta que não

escutava. Provou a fé daquele homem, pediu a ele que se levantasse, pois estava deitado na poeira do caminho pedindo esmola. Cobrou dele uma atitude de superação. Houve um processo de crescimento humano, de atitude. O verdadeiro milagre foi que aquele cego passou de ser cego e mendigo, deitado na poeira da estrada, a seguir Jesus pelo caminho, quer dizer, tornou-se discípulo, sujeito do reino; recuperou a dignidade e passou de ser alguém que assistia passivamente a história acontecer, a tornar-se um discípulo de Cristo que participa na caminhada da vida de forma ativa e compromissada.

Jesus pede que nos envolvamos na ação do reino de Deus fazendo o bem ao próximo, isso significa que nós, também, façamos “milagres”, sinais do amor divino em favor das pessoas, fazendo acontecer vida nova. O milagre ou sinal comprova o valor da palavra. Jesus nos mostra que o evangelho se veicula por meio de duas ações: o anúncio da Boa Nova e o serviço de amor gratuito ao próximo. Eis o significado do milagre.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

Na revelação de Jesus o milagre dispensa a fé ou o compromisso humano com a história? A tendência do ser humano é compreender um milagre não como uma intervenção mágica e privilegiada de Deus. Qual é a diferença entre entender o milagre como uma ação mágica ou como um sinal? Como nós podemos fazer milagres? Pode se anunciar a Boa Nova sem prática do evangelho, sem amor ao próximo?

TEMA 4 – A MENSAGEM DE JESUS

Jesus realizou a sua missão por meio de obras e de palavras. Ambas as ações expressam sua opção de vida, seu estilo de ser e de conviver, de se relacionar com as pessoas, com a história e com Deus. A mensagem de Jesus tem um contexto: a rica e longa tradição espiritual israelita. Formado, desde criança, na escola da sinagoga, conhecia muito bem as sagradas escrituras e outras tradições do seu povo. Jesus, à semelhança de João Batista convida à conversão ao reino de Deus; mas, à diferença dele, não prega o castigo de Deus, mas a sua imensa misericórdia. Ele apresenta um Deus que tem paciência e bondade para com todos, perdoa tudo e oferece a salvação a todos os seres humanos. Eis a diferença entre o Novo e o Antigo Testamento: Deus quer que todos se salvem e encontrem o caminho da vida; não julga nem castiga, perdoa, ama e abençoa sempre.

4.1. A mensagem de Jesus nas parábolas

As parábolas representam páginas belíssimas no conjunto da bíblia. De forma magistral Jesus revela com simplicidade e linguagem popular a essência da sua mensagem, do seu pensamento, da sua motivação e da sua missão. Dizem os evangelhos que para o povo falava em parábolas e depois, em casa, explicava para os discípulos. Não se deve interpretar uma parábola querendo tirar um significado de cada detalhe, pois o importante é o conjunto da mesma. Um perigo de interpretação incorreta consiste em moralizar o sentido da parábola. A intenção de Jesus era revelar a alegria dos homens quando descobrem o amor divino. A misericórdia e o amor de Deus são o coração da maioria das parábolas. As parábolas revelam a pedagogia de Jesus, extremamente prática, que parte dos pequenos detalhes da vida concreta dos ouvintes para chegar à essência da mensagem a ser transmitida. As parábolas nos mostram um Deus que gosta de ver o homem feliz, curtindo a amizade e compartilhando a alegria de viver em harmonia. A vida do povo aparece nas parábolas. Jesus fala para o povo com uma linguagem simples e direta que Deus está presente nas pequenas coisas do dia a dia. O povo escuta fascinado e acredita que, realmente, o Reino está presente no meio de nós. As pessoas começam a perceber que na pessoa de Jesus Deus está visitando o seu povo. Não precisa esperar mais a chegada de um reino fantasioso que chegaria de cima para baixo, com um messias artificial aparecendo nas nuvens, como diziam os fariseus, pois o Reino de Deus já está presente no meio dos homens. Os sinais desse Reino são visíveis nas pequenas coisas de cada dia. Por meio das parábolas Jesus nos ensina a enxergar a realidade com outros olhos, com um olhar novo, carregado de fé e de esperança, pois Deus já está presente na vida dos homens e essa presença traz luz, alegria, vida nova e esperança ao coração humano. Hoje é dia da graça e de salvação!

As parábolas que falam da semente revelam a dinâmica da Boa Nova no coração das pessoas, que o reino de Deus não virá pela violência e imposição, mas pela interação livremente aceita do ser humano. As parábolas do fermento, do tesouro escondido, do grão de mostarda etc. pedem uma atitude, uma decisão da parte do ser humano; são um convite a participar no projeto divino. As parábolas da misericórdia (ovelha e moeda perdidas, Pai Misericordioso ou Filho Pródigo) mostram o coração de Deus que convida o ser humano a se entregar amorosamente nos braços de um Deus maravilhoso e cheio de ternura. As parábolas dos banquetes do reino nos convidam a participar na dinâmica do reino de Deus. As parábolas do Bom Samaritano

–Lucas 10- e do Julgamento Final – Mateus 25) são de uma extrema clareza sobre qual é a atitude central e mais importante do Evangelho: o amor ao próximo é o caminho para amar a Deus.

4.2. Os discursos de Jesus

Jesus revela, tanto nas parábolas como nos discursos, que o reino de Deus acontece em parceria entre Deus e o homem. Ele criou o ser humano por amor e para amar. Ama-se a partir da liberdade de cada um, não por imposição. Deus não faz intervenções fantasiosas na história, mas respeita a autonomia das pessoas. Ele atua a partir da consciência e da vontade livre dos homens, inspirando, convidando, convencendo por meio da sua Palavra, da sua Graça que o seu plano de amor é o melhor para cada um e para todos. Quando a pessoa humana acolhe esse convite divino nasce uma história de salvação em parceria entre Deus e o ser humano. Livrementemente assumida, por amor e para amar a Deus e ao próximo. Logicamente que o primeiro nível é o pessoal, mas a comunidade cristã exerce uma função indispensável como mediadora entre a consciência pessoal e a graça divina; a comunidade é essencial nesse processo de escutar a chamada divina, a compreender e responder positivamente. É nessa chave de parceria que os seguidores de Jesus compreenderam a mensagem da Bíblia e a oração na vida cristã, cuja prática se inspira na vida, na oração de Jesus e no Pai Nosso; “faça-se a tua vontade”. A vida da fé em Jesus, nesse sentido, entende-se como um compromisso ou aliança onde os cristãos assumem a tarefa de aceitar e construir o reino seguindo o caminho do Evangelho com o auxílio da graça divina e em comunidade.

Os discursos de Jesus revelam também o mistério do reino de Deus e o convite ao ser humano para o aceitar e viver. O Sermão da Montanha (Mt. 5-7) ou da planície (Lc. 6, 17-49), o Sermão sobre o Pão da Vida (Jo. 6, 16-71) e outros muitos nos revelam o que é o reino de Deus, como precisamos o acolher a partir da conversão a uma nova mentalidade e a uma nova atitude. Revelam também o mistério da vida de Jesus que, sendo homem, é também o Filho de Deus nos convidando a o acolher com fé e amor em nossa vida. Essa comunhão com Jesus Cristo precisa se tornar, para o homem e a mulher de fé, em vivência essencial da própria história. Os discursos de Jesus são um convite a participar na dinâmica do reino de Deus de forma ativa, como sujeitos conscientes e protagonistas da salvação de Deus. Assim como os milagres (sinais), a mensagem do Evangelho se dirige ao coração das pessoas pedindo uma resposta da vida toda: uma nova mentalidade, novos

sentimentos, novas atitudes, novo estilo de viver; eis o fruto do Espírito, o verdadeiro milagre! Eis nesse sentido que a Igreja, hoje, faz milagres; que nós, hoje, fazemos milagres (sinais do reino).

Mateus apresenta os discursos em dinâmica processual que inicia com a proclamação das bem-aventuranças: o que é o reino (sermão da montanha), quem anuncia o reino (missão dos discípulos), qual a dinâmica desse reino (parábolas), a Igreja a serviço do reino e a relação da história humana com o reino de Deus (conflito e atitude pessoal). João apresenta discursos bem articulados para exprimir em profundidade a mensagem divina. O poema da Palavra encarnada, diálogos com Nicodemos e a Samaritana, o discurso do Pão da Vida, os discursos no templo (a relação de conflito com a tradição e com a história) e, principalmente, os discursos na última ceia que oferece as orientações para os discípulos se orientarem na sua missão no mundo. Lucas apresenta os discursos de Jesus de forma mais adaptada ao mundo ocidental ou grego e destaca a ternura e a misericórdia de Deus, a sensibilidade de Jesus para integrar na comunidade as crianças, a mulheres, os leprosos, os publicanos e pecadores. As parábolas da misericórdia alcançam um nível insuperável na compreensão de um Deus totalmente diferente a como as religiões mostram. Marcos apresenta a ação de Jesus como presença da mão amorosa do Pai; a partir dessa ação de Cristo podemos compreender a mensagem do evangelho.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

Por que o ser humano tem dificuldade para sentir a Deus como amigo que acompanha e cuida dos homens? O que nós descobrimos e aprendemos por meio das parábolas e discursos de Jesus? A mensagem de Cristo é um convite a viver diferente; eu me deixo orientar pela Palavra de Jesus, deixando que o evangelho penetre na minha mente, no meu coração e na minha prática diária? Procuo ser discípulo aprendendo da Palavra a viver como filho e filha de Deus? Assumo, também, a responsabilidade de ser missionário do amor divino anunciando Jesus e o evangelho aos outros e servindo ao próximo do jeito que Jesus fazia?

TEMA 5 – A FÉ DE JESUS

5.1. O ambiente religioso onde nasceu Jesus

Jesus nasceu no meio a uma cultura fortemente religiosa. Para aquele povo Deus está presente em todos os momentos da vida; em tudo o que acontece está a mão de Deus. A fé de Israel nasceu na libertação da escravidão

do Egito, quando Deus entrou na história em favor de um povo escravizado, despojado de toda dignidade, sem condições de ser sujeito do próprio destino. Deus não aceita a opressão e atua eficazmente para transformar a realidade de morte em caminho de vida. O êxodo aconteceu em aliança ou parceria entre Deus e o povo liderado por Moisés. O povo arriscou a própria vida naquela gesta. Os deuses ajudavam aos poderosos. A descoberta desse Deus que olha pelos pobres e sofredores enriquece-se com a fé de que Ele criou tudo por amor e chama os seres humanos a viverem em harmonia com o próximo, com a natureza e com o próprio Deus Libertador e Criador. A bela literatura bíblica recolhe a vivência profunda da fé de um povo que reconhece a presença de Deus tanto nos grandes momentos da própria história assim com nos pequenos detalhes do viver cotidiano. Os salmos mostram maravilhosamente a riqueza e profundidade dessa fé. Como Deus atua na história humana? Em forma de parceria ou ALIANÇA. Deus respeita a liberdade e a autonomia humanas e chama (vocação) a participar no seu projeto de vida digna para o povo e de relações em comunhão fraterna.

5.2. O Deus de Jesus

(Mc. 2,23-28; Mt. 6, 5-6; Lc. 10, 21-24; Jo. 14, 15-26)

Jesus amava com paixão a Deus. Mantinha uma relação muito íntima, amiga e pessoal. O Deus de Jesus é o Deus da alegria, da festa, do encontro, quer a felicidade e a harmonia entre todos. Um Deus diferente, novo, alegre, feliz, amigo, cheio de bondade, ternura, misericórdia e de bem com a vida. Isso chamou muito a atenção do povo. O próprio Jesus louva a Deus em público, entusiasmado pela bondade do Pai (ABBA) e percebendo como essa descoberta traz alegria ao povo simples. Quando o doutor da lei pergunta a Jesus qual dos mandamentos de Deus é o mais importante respondeu sem hesitação: amar a Deus e ao próximo. Jesus também viveu a fé em um Deus que não é sozinho, mas comunhão de amor Pai – Filho e Espírito Santo, para a qual o homem é convidado a participar por meio do seguimento de Jesus. Assim, o Deus de Jesus é também o Deus dos cristãos, dado que o próprio Cristo nos convida a assumir a fé dele. A revelação do Espírito Santo é específica do Novo Testamento, vem do próprio Jesus. Não podemos esquecer que a fé de Jesus e a sua relação com o Pai estão intimamente ligadas ao compromisso com o Reino de Deus. A oração de Cristo orienta-se à realização da sua missão. Todas as energias e capacidades de Jesus destinam-se à missão de evangelizar, incluindo entre elas a extraordinária experiência de oração. Palavra de Deus, vida de oração, comunidade e Reino de Deus são

realidades centrais na história do Senhor que se articulam coerentemente em função, precisamente, do compromisso histórico em favor do Reino de Deus, da evangelização.

O Deus de Jesus Cristo é, principalmente, ABBA, Papai querido. Ninguém antes tinha tido coragem de chamar assim a Deus. Trata-se de uma oração totalmente revolucionária, nova. Era familiar demais, expressão de uma criança pequena chamando ao seu pai. De muita confiança, carinho e ternura. Revela uma relação extremamente cordial, de coração, de puro afeto. Aos ouvidos dos partidários do rigor divino contra os pecadores era um escândalo, pois tratava a Deus de uma forma muito familiar e amiga, sem protocolos. Para o povo simples, foi como respirar um ar novo, puro, de alívio e de aproximação. Valia a pena acreditar e confiar em um Deus tão bom! A parábola do Filho Pródigo revela magistralmente a visão e vivência de Deus que Jesus vivenciou e anunciou. (Lucas 15, 11-32).

Deus é o centro da vida de Jesus e o plano de Deus (o reino) é a sua paixão. Ele viveu em função da vontade ou projeto divino que já está presente em cada ser humano e na humanidade. Testemunhou, praticou e anunciou esse reino. O povo entendeu que Deus é diferente à imagem que se tinha na época e ficou feliz em escutar e acolher o Deus verdadeiro, o Deus de Jesus. Eis, precisamente, um dos motivos principais da perseguição e morte de Cristo.

O verdadeiro milagre de Jesus é esse: compreender e aceitar o amor do Pai na vida da gente e se deixar transformar por ele na vida pessoal, comunitária e social, se tornando parceiro do seu projeto em favor de uma vida nova e digna para si e para todos, especialmente em favor dos pobres, os prediletos de Deus. Jesus desperta o sujeito adormecido que há no ser humano, tantas vezes descrente por causa do mal que parece controlar a história. Jesus revela o Deus verdadeiro que é ABBÁ (papai querido) para todos e acolhe todo ser humano como filho e filha muito queridos, bem-amados. A partir dessa motivação que vem de Deus Jesus desperta o sujeito que existe em cada ser humano, criado à imagem divina para assumir, de forma adulta, alegre e compromissada a parceria com Deus em favor do reino da vida, revelado no Evangelho, principalmente em favor da vida digna do povo sofredor. Eis o verdadeiro milagre de Jesus.

5.3. O deus de Jesus é o nosso Deus

Jesus nos convida a compreender e a aceitar a Deus como Ele nos revela. Um Deus que nos ama e que pede o nosso amor, não porque dele

necessite, mas porque isso nos faz bem e nos salva do mal. Os discípulos ficavam admirados com a relação que Jesus tinha com Deus, com a sua fé e oração. Seus seguidores percebiam a alegria, a disposição, a motivação, a paixão pelo reino que Ele tinha, quando voltava ao grupo depois de orar. O seu amor a Deus e ao próximo pareciam mais intensos. É por isso que os discípulos pediam a Jesus que os ensinasse a orar, a se relacionar melhor com Deus, para compreender, sentir, amar e praticar melhor os valores do evangelho, pois compreenderam que a fé e a oração são essenciais nessa caminhada.

Os relatos evangélicos mostram, também, a atitude do Pai em relação a Jesus: *“Este é o meu Filho amado, que muito me agrada”* (Mateus 3, 17). *“Este é o meu Filho amado que muito me agrada. Escutem o que ele diz”* (Mateus 17, 5b). Revela-se, junto às pessoas do Pai e do Filho, a do Espírito Santo; quer dizer, apresenta-se um Deus que é comunhão perfeita no amor, espelho da comunidade cristã e da sociedade. Jesus revela à humanidade que cada ser humano tem a sua origem em Deus que o cria por amor, o chama a caminhar em comunhão de amor na história e o espera com o coração aberto para viver eternamente o amor divino além da morte. Um Deus que nos acompanha com ternura e paciência como um Bom Pastor. Deus Pai envia o Filho amado e o Espírito Santo, que são como as suas mãos a nos envolver e abraçar na sua imensa bondade.

O Deus de Jesus é relacional, comunhão perfeita no amor que se abre, se rompe por amor a nós, na entrega da cruz, para nos acolher dentro dele e possamos participar da sua vida plena. As pessoas são assim chamadas a acolher esse estilo de relações consigo mesmas, com os outros, com a natureza e com Deus. Esse estilo do evangelho que está impregnado pelo amor divino e gera harmonia interpessoal e na criação.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

A Bíblia apresenta imagens muito positivas e atraentes de Deus: libertador, criador, amigo do povo e das pessoas. Por que as autoridades divulgavam uma imagem mais severa e distante? Por que, hoje, o povo tem, às vezes, um certo medo ou desconfiança de Deus? De acordo com a Bíblia, principalmente com Jesus, como se articulam a ação divina e a humana na construção da história? Deus tira a liberdade do homem negando a sua autonomia? O que chama mais a atenção da fé de Jesus? O que podemos aprender da fé dele? Como se articula a fé de Jesus com a história?

TEMA 6 – A ORAÇÃO DE JESUS

6.1. A oração de Jesus

(Mc. 14, 32-42; Mt. 14,22-33; Lc. 22, 14-20; Jo. 17, 1-26)

A oração faz parte essencial da vida de Jesus. A paixão dele era o Reino de Deus a sua oração estava integrada no projeto do Pai para a humanidade. O aspecto que mais surpreende nessa relação é a forma dele tratar com Deus, com imensa familiaridade e confiança, chamando ao grande Deus do Êxodo e da Criação de ABBA, papai querido; não existe antes dele ninguém que chamasse assim a Deus. Ninguém ousaria mesmo, considerando o significado desse termo.

Jesus conversava **todos os dias** com Deus, com extrema confiança e alegria. Mesmo que estivesse humanamente cansado não dispensava, de jeito nenhum, esse momento orante, que buscava com sede profunda e era o principal do dia. Jesus participava também dos momentos de oração comunitária, de acordo com a tradição judaica. Riquíssima tradição impregnada pelos textos sagrados que orientavam o coração crente a se engajar nas propostas do Reino. Comunitariamente participa também do culto na sinagoga e das celebrações pascais no templo de Jerusalém. Essa participação na sinagoga e no templo não substitui a oração pessoal. Ambas se complementam. A Palavra de Deus é o nexos comum. Jesus ora a partir da proposta do Pai, articulando a própria vida nessa direção; quer dizer, a oração suscita e alimenta a obediência à vontade divina. É na oração diária onde Jesus alimenta a mística pelo Reino, o seu compromisso em favor dos pobres.

Além da oração pessoal diária Jesus tem momentos de retiro mais prolongado, quando vai tomar alguma decisão importante relacionada com a sua vocação e missão. Antes de iniciar o ministério público, depois que recebesse o batismo de João, retirou-se um tempo no deserto para melhor discernir a sua missão, superando as tentações de um messianismo mágico ou prepotente. Quando foi escolher os apóstolos passou a noite toda em oração. Caminho de Jerusalém, depois que revelasse o mistério da cruz aos apóstolos, percebendo que eles tinham ficado abalados, os levou para a montanha a fim de lhes mostrar uma antecipação da ressurreição (transfiguração). Antes de ser feito prisioneiro orou dramaticamente ao Pai suplicando que o libertasse daquela morte. Não buscou, porém, privilégios ou jeitinhos para fugir do roteiro da sua missão. “Pai, se for possível, afasta de mim este cálice. Não se faça, porém a minha vontade, mas a tua”. A Carta aos Hebreus diz que

foi atendido (**Hebreus 5,7-10**) se referindo à ressurreição. Pregado na cruz pede ao Pai perdão em favor dos seus inimigos, pois “não sabem o que estão fazendo”. Acolhe o pecador crucificado perto dele: “eu te garanto, hoje estarás comigo no paraíso”. Entrega a vida dele nas mãos do Pai. “*Senhor, por que me abandonaste?*” e “*Em tuas mãos, Pai, entrego o meu espírito*”.

Quando se despedia dos discípulos na Última Ceia, inaugurou um novo culto de ação de graças, simbolizando no pão e no vinho a sua entrega na cruz em favor de todos os homens, se doando como alimento de amor para permanecer junto aos seus e fortalecer o compromisso evangelizador dos discípulos, em favor do reino de Deus.

6.2. Jesus nos ensina a orar

(Mt. 6,5-15; Lc. 11,1-13; Jo. 16, 26-27)

Jesus ensina os seus discípulos a orar como Ele orava, a partir da vivência do Evangelho. A oração cristã situa a vida a serviço do reino, da vida digna para todos. Os discípulos perceberam a empolgação de Jesus na sua relação com Deus e como Ele orava com amor, com uma intensidade e alegria especial. Observavam que a oração motivava aquela ação extraordinária e de intensa dedicação ao povo, de uma pregação envolvente, de um testemunho de vida perfeito. Daí que um dia pediram ao Mestre que os ensinasse a orar.

O Pai Nosso é a oração cristã por excelência, pois foi Cristo quem nos ensinou. E é muito mais do que uma oração. É a síntese da vida cristã. É a matriz de toda oração cristã. Apresenta duas partes: a primeira, pedindo que venha a nós o Reino; a segunda, que não falte o pão na mesa do povo, a reconciliação fraterna e a proteção divina para superar o mal. A oração de Jesus coloca a Deus em primeiro lugar, bem antes dos nossos pedidos ou necessidades, que também fazem parte da oração, porém em segundo lugar. Jesus convida, primeiramente, a olhar para o coração de Deus, “faça-se a tua vontade”, “venha o teu reino”. Deus sabe o que precisamos e pede confiança. A proposta de Deus para o homem é o melhor para cada um e para todos, a vida em comunhão de amor, com dignidade, em amizade, aberta solidariamente a todos, especialmente aos pobres. O resto vem por acréscimo. A segunda parte recolhe, em chave comunitária, o conjunto das necessidades humanas: corpo, alma (relações humanas) e espírito (relação com Deus); o pão, a reconciliação e a comunhão com Deus. Refere-se a todo o universo relacional do ser humano: a partilha dos bens materiais, para que nada de essencial falte a ninguém; o perdão mútuo e a amizade aberta para todos; que Deus cuide das nossas relações humanas e espirituais para não

cair na tentação do egoísmo. A expressão corpo, alma e espírito mostra as grandes dimensões do ser humano na visão bíblica. “Que o próprio Deus da paz vos conceda a plena santidade. Que o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados de modo irrepreensível para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. (1 Tessalonicenses 5,23). Jesus cura a pessoa como um todo; a sua mensagem pede uma resposta que abrange a pessoa de forma plena; a oração envolve, também, a história de cada um e de todos em todas as dimensões da existência.

Mais do que técnicas Jesus ensina atitudes de vida para orar. A verdadeira oração está ligada com a vida, com o amor ao próximo. Jesus nos pede confiança em Deus (Lucas 11, 5-13); Deus escuta e responde sempre com amor, embora nem sempre como esperamos ou desejamos. Precisamos entender e acreditar que a graça que Deus derrama constantemente em nós é imensamente superior àquilo que pedimos e esperamos. Aliás, a oração não é pedir, mas, principalmente se entregar nas mãos de Deus para colaborar com seu projeto, para fazer não a nossa vontade e sim a vontade divina. Jesus nos ensina, também, a sermos perseverantes (Lucas 18,1-8), a orar sempre e sem cessar. A humildade é essencial à oração, pois o orgulho fecha o coração para com Deus e com os irmãos (Lucas 18, 9-14). O compromisso solidário encontra-se no coração da oração cristã (Lucas 10, 25-37 e Mateus 25, 31-46), pois o amor ao próximo, principalmente ao sofredor, é a essência do evangelho.

6.3. A oração da obediência amorosa ao Pai

“Faça-se a tua vontade”. Essa vontade é que se realize o seu projeto de amor, para cada ser humano e para a humanidade inteira. Eis o sentimento da oração verdadeira: “Envia teu Espírito, oh Pai, para que eu compreenda a tua vontade e tenha força de realizá-la”. A cada dia, Deus tem um presente para cada um de nós, uma GRAÇA. Na oração cristã pedimos essa graça que Deus quer nos dar a cada dia e que é o melhor para nós. Deus sempre vai nos dar esse dom, do qual nós precisamos, muitas vezes sem termos consciência dele. Antes de morrer, Jesus orou dramaticamente ao Pai suplicando que o libertasse daquela hora. Não buscou, porém, privilégios para fugir da sua missão. “Pai, se for possível, afasta de mim este cálice. Não se faça, porém, a minha vontade, mas a tua”; (Marcos 14, 36). Hebreus 5,7-10 diz que Jesus foi atendido se referindo à ressurreição, mas passando pela cruz.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

Que aspectos da oração de Jesus nos chamam mais a atenção? Por quê? A oração cristã dispensa a ação humana ou a motiva e impulsiona? Deus escuta e atende sempre, mas nem sempre como pedimos. Deus é obrigado a fazer o que a gente quer? Nós temos fé, confiança de que Ele nos ama e acompanha a cada instante? Como podemos crescer e avançar em nossa oração para que seja semelhante à de Jesus?

TEMA 7 – A COMUNIDADE DE JESUS

7.1. A comunidade, sinal do reino de Deus

(Mc. 1, 16-20; Mt. 4, 12-23; Lc. 5, 1-11; Jo. 1, 29-51)

Jesus quis realizar a sua missão pública, de princípio a fim, acompanhado de um grupo de discípulos. Ele os chamou para que convivessem com Ele e para enviá-los a evangelizar. O ensinamento partia da própria vida. Jesus vivia com os discípulos a mensagem que anunciava para o povo. A comunidade de Jesus é assim um laboratório do Reino de Deus, pois aquilo que se anuncia para o mundo precisa ser vivenciado dentro de casa, dentro do pequeno grupo de fé. Ainda, entre os discípulos, escolheu um grupo menor, mais íntimo e comprometido com a sua causa, que seria o núcleo da comunidade de fé. Eis o grupo dos apóstolos, que significa os enviados. Jesus chamava a participar na missão de fazer acontecer o reino de Deus, em níveis diferentes, de acordo com a consciência ou decisão de cada pessoa. Ele respeitava a liberdade de cada um, mas a participação pessoal e comunitária é essencial ao Evangelho.

Uma das maiores novidades de Jesus é que acolhia as mulheres no grupo de discípulos. (Lucas 8, 1-3). Trata-se de um fato decisivo para o evangelho, pois rompia com todos os preconceitos históricos e culturais em contra da mulher. Resgata a figura feminina para a primeira linha da evangelização, como testemunha de primeira ordem. Declara que os discípulos precisam acolher a criança e, ainda mais, serem como crianças para poderem entrar no Reino de Deus. (Marcos 10, 13-16). A mística da comunidade de Jesus é a doação, o serviço, a entrega, o amor ao próximo e o compromisso com uma sociedade mais justa e solidária. Tudo isso precisa ser vivenciado no grupo de fé, aprendendo com Jesus na escola da vida. Se o núcleo da Igreja são os apóstolos, o coração e o centro da missão são os pobres.

Jesus cuida dos diversos níveis de participação na sua missão. Ele anuncia o Reino a todos, procurando que a mensagem possa alcançar ao maior número de pessoas e conseguiu atingir grandes multidões. Depois, em casa de Pedro, o pescador de Cafarnaum, dialogava com os discípulos num nível de maior familiaridade, onde eles podiam perguntar e esclarecer as suas dúvidas e fazer a ligação da Palavra com a própria história; eis o nível da pequena comunidade. Dedica, também, tempo para cada pessoa quando é preciso: Marta e Maria, Nicodemos, a Samaritana e outros. Os discípulos vivenciaram uma experiência de vida muito forte junto com Jesus que marcou profundamente os seus corações. A comunidade de seguidores é fundamental para a realização da missão evangelizadora e é necessário cuidar dela para que seja hoje, como foi ontem, referência da proposta cristã, sinal do Reino de Deus. Jesus convida a participar da missão em níveis e ritmos diversos e respeita a decisão de cada um.

7.2. A comunidade, fermento da nova sociedade (Mc.10,32-45; Mt. 18, 1-35; Lc. 22, 14-30; Jo.13,1-17)

Para Jesus o grupo de discípulos precisa ser aberto, em atitude de diálogo e tolerância, sem julgar nem condenar o outro, aquele que pensa ou vive diferente. O diálogo e a tolerância fazem parte importante da comunidade cristã, dentro e fora dela. No grupo de discípulos Ele reuniu pessoas de costumes bem diferentes. Não seria nada fácil a convivência entre Simão o zelote e Levi o publicano, pois na vida real os zelotes e os publicanos se odiavam a morte. Os filhos do Zebedeu, chamados também os filhos do Trovão complicavam a convivência com suas atitudes radicais e o desejo egoísta de querer os primeiros cargos dentro do grupo. Não sem motivo os outros discípulos ficavam com raiva deles, pois com suas pretensões só provocavam desarmonia na comunidade.

Jesus entende a comunidade de seguidores como uma plataforma a serviço do Reino. No centro do grupo situam-se o menor, o pecador, o doente, a criança, a mulher, o pobre e o excluído. Essas pessoas são protagonistas do Reino e os discípulos situam-se em atitude de serviço. O próprio Jesus deu exemplo constante disso, carimbando essa atitude no momento de Ceia, por meio do Lava-pés. Esse gesto representa a vida toda de Cristo incluindo, especialmente, o momento supremo de entrega e serviço ao próximo que aconteceu na cruz. As atitudes de diálogo, perdão, paciência, misericórdia, ternura, acolhimento, ajuda, tolerância, respeito e amor fraterno caracterizam a comunidade a serviço do Reino de Deus. A presença de Jesus dando

exemplo maravilhoso e motivando esse novo jeito de viver possibilita a vida comunitária cristã, que com Ele alcança os níveis supremos de realização, sinalizando para o mundo que é possível viver a utopia do Evangelho, apesar das limitações humanas.

7.3. A Comunidade Cristã, escola de oração

A comunidade de Jesus com seus discípulos foi também uma escola de oração. Mais do que uma metodologia Ele nos ensina atitudes básicas para orar de forma mais autêntica. Embora não existe perfeição plena nem na vida nem na oração cristãs, Cristo indica o horizonte para que possamos amadurecer humana e espiritualmente. Jesus articula maravilhosamente a oração pessoal e a comunitária. Ambas nascem da Palavra de Deus e da vida do povo, iluminam a consciência dos cristãos e da comunidade para participar no plano de Deus no compromisso de fazer acontecer a vida digna e a alegria no coração das pessoas. A eucaristia é a grande oração cristã. O pai nos convoca para a festa da vida. A eucaristia nos revela que o Reino já está presente, em Jesus, embora ainda não plenamente, mas a caminho da perfeita realização. “Anunciamos a morte do Senhor, enquanto esperamos a sua volta gloriosa”. O Espírito prepara nosso coração e nos situa em comunhão com Jesus, presente na Palavra e no Pão, para abraçar o projeto do Pai.

Jesus nos revela um Deus que não é sozinho, mas comunhão plena no amor, Pai e Filho e Espírito Santo. Essa revelação é do Evangelho de Jesus. É por isso que a comunidade humana, orientada pelo amor, a doação, a entrega e o serviço em favor do próximo, é quem melhor representa na terra o mistério do amor divino. A oração comunitária acolhe a comunhão divina para levar a graça e o amor de Deus a toda a humanidade, especialmente àqueles que são marginalizados. É na oração comunitária que o cristão alimenta a mística, a motivação de continuar participando do Evangelho, no reino de Deus.

7.4. A Comunidade Cristã é uma escola para servir

O desejo do poder é muito profundo no ser humano e está presente em todo momento na vida cotidiana. Os discípulos, caminho de Jerusalém, esperavam que Jesus, o Messias, conquistasse o poder para instaurar um governo regido pelas leis divinas. Cada um deles almeja por cargos importantes e discutem entre si sobre quem é o mais importante. “Naquele momento, os discípulos aproximaram-se de Jesus e perguntaram-Lhe: «Quem é o maior no Reino do Céu?» Jesus chamou uma criança, colocou-a

no meio deles e disse: «Garanto-vos que se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças nunca entrareis no Reino do Céu. Quem se abaixa e se torna como esta criança, esse será o maior no Reino do Céu. E quem recebe em meu nome uma criança como esta é a Mim que recebe». Mateus 18, 1-5. Jesus pede uma conversão: mudar esse desejo de aproveitar o poder em benefício próprio para utilizá-lo em favor dos pequenos. Ele formou uma roda com os discípulos, sugerindo relações em estilo circular, não piramidal, situou uma criança no meio. A criança não era, na época, sujeito de direitos. O centro da comunidade e do coração cristão situa-se na criança, no menor, naquele que sofre, nos pobres. Os cristãos somos todos iguais e o evangelho nos impulsiona a servir ao próximo. A comunidade é, assim, uma escola de serviço, forma o coração cristão para participar na dinâmica do evangelho de Jesus.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

A cultura atual valoriza pouco a comunidade, as relações humanas se tecem ou se desfazem à conveniência de cada qual. Nós cristãos temos consciência no valor da comunidade em nossa vida de fé? Ou, ainda, procuramos a Igreja como uma prestadora de serviços espirituais para satisfazer desejos ou necessidades particulares? A pequena comunidade cristã ajuda a avançar no caminho de Jesus e na vivência do evangelho? Como? O que eu faço para fortalecer a dimensão comunitária da Igreja? Isso é importante para nós?

TEMA 8 – A MISSÃO EM JERUSALÉM

8.1. A entrada de Jesus em Jerusalém (Lucas 19, 41-44)

A entrada de Jesus em Jerusalém é uma crítica popular e bem-humorada aos poderes da época. Nos dias da páscoa a cidade de Jerusalém multiplicava sua população quase dez vezes, chegando a albergar centenas de milhares de peregrinos, vindos de muitas partes do mundo. Os fiéis traziam dinheiro nas moedas próprias dos lugares de residência, mas precisavam trocar pela moeda do templo para comprar os animais a serem sacrificados, pagar as promessas e custear a permanência na cidade pelo tempo da visita. A administração do templo, nas mãos dos saduceus, controlava todo esse capital. Jerusalém vivia desse comércio e do câmbio de moeda. O centro de tudo era o templo; as famílias importantes controlavam essa situação. O governador, o tetrarca e outras personagens ilustres aproveitavam a oportunidade para se fazerem presentes na cidade, entrando solenemente nela, a fim de mostrar perante a multidão as suas riquezas e poderes. O

povo acudia às portas da cidade para contemplar aquele espetáculo. É nesse contexto que Jesus preparou a sua entrada na cidade, como uma entrada alternativa, totalmente diferente e crítica com o sistema vigente. O exército do Jesus é o povo simples, as crianças e mulheres carregando ramos de oliveira, símbolos da paz, com cânticos de louvor a Deus. Jesus entrou em Jerusalém montado num burrinho, sem carruagens de fantasia, aclamado como o Príncipe da Paz. A entrada de Jesus com seus discípulos foi um choque, roubou a cena aos poderosos, deixou em ridículo a ostentação dos ricos e ganhou o foco do povo. Isso irritou ainda mais as autoridades.

8.2. Jesus assume o conflito

Nos dias seguintes, Jesus concentrou a sua intensa atividade profética no templo, pois era o centro religioso e social da cidade santa. No dia primeiro Ele entrou em Jerusalém e no segundo, entrou no templo, expulsando os vendedores, criticando um culto que não se orientava para o reino, quer dizer, para fazer a vontade de Deus em favor de uma vida digna para o povo humilde. Aquele culto servia somente para o lucro de uma minoria dirigente que controlava a religião e a política na cidade. Nos dias seguintes Jesus ensinava ao povo no templo, sobre o significado da verdadeira espiritualidade, que articula o amor a Deus com o amor ao próximo. Com parábolas e discursos revelou como deve ser a relação do cristão com a história, para não se deixar levar pela mentalidade do mundo e se orientar pelo projeto de Deus. Ele pedia uma atitude coerente de vida e um compromisso social em favor dos sofredores. As autoridades perceberam que o projeto deles era radicalmente criticado por Jesus. Era evidente, também, que as multidões vindas para a páscoa de todas as partes do país e da diáspora (comunidades judaicas que moravam em países estrangeiros) simpatizavam e concordavam com a mensagem de Jesus. A autoridade do poder era questionada em público na sua própria casa. Os poderosos consideravam, ainda, que o sucesso de Jesus poderia provocar alguma revolta armada e que, nesse caso, os soldados romanos atuariam com violência extrema, dispersando as multidões e mandando todo o mundo para casa. Isso afetaria, seriamente à economia da cidade. O Sinédrio (senado da cidade) decidiu a morte de Jesus: *“É melhor que um homem morra pelo povo, do que perecer a nação inteira”* (João 11, 47-50). Dias depois, Jesus morria na cruz. Antes, porém, recebeu a adesão sincera do povo simples e o gesto de uma mulher que ungiu seus pés com lágrimas, para aliviar a agonia daqueles dias.

8.3. Jesus aceita as consequências do conflito

Quando Jesus subia a Jerusalém com seus discípulos, costumava se hospedar em Betânia, apenas dois quilômetros do templo, na casa de Lázaro, Marta e Maria. Nessa última semana, passaram alguma noite no monte das Oliveiras. Ele era consciente de que seus inimigos não desaproveitariam a oportunidade para acabar com sua vida. Alguns dias antes, os discípulos tratavam de convencer o Mestre de não subir a Jerusalém. Jesus, porém, tinha consciência de que devia ir para testemunhar e anunciar a Boa Nova, pois foi enviado por Deus para isso. Não que o Pai quisesse que o Filho morresse na cruz. Deus não quer isso para ninguém. A cruz foi consequência da missão de Jesus. O conflito com as autoridades aconteceu a partir do início dessa missão e foi crescendo. Quais foram as causas principais desse conflito que trouxe a consequência da cruz?

- A relação de Jesus com Deus, a quem chamava de ABBA, papai querido; e assim pedia aos discípulos que fizessem. Trata-se de uma atitude de extrema confiança, familiaridade, ternura e amor. Isso escandalizava as autoridades religiosas e aos especialistas da Lei. A religião do poder divulga uma imagem de Deus rigorosa, de juiz implacável, de guerreiro vingativo, pois, assim, submetem mais facilmente o povo a partir de medo. Um Deus misericordioso produz alegria e consciência da própria liberdade e dignidade de viver como filhos e filhas, como irmãos e irmãs, sendo todos iguais; essa imagem questiona a dominação de uns acima dos outros e a assimetria social.

- A Boa Nova de Jesus dirige-se a todos, especialmente aos mais pobres e sofredores, também aos pecadores, doentes e grupos sociais marginalizados. Jesus colocava tudo isso acima da Lei, ou melhor, no coração dos mandamentos de Deus. Isso significava uma profunda revolução para a consciência das pessoas (conversão) e, conseqüentemente, transformação radical da sociedade. Para as autoridades é mais fácil cumprir externamente as leis, sem maior compromisso, sem abrir mão dos privilégios.

- Jesus insiste na conversão pessoal de cada um e na obediência a Deus que nasce a partir do coração, inspirando e fazendo acontecer uma nova mentalidade, novos sentimentos, novas atitudes e um novo estilo de ser e de viver; quer dizer, uma nova vida. Para quem tem o poder, isso significava renunciar a muitas vantagens e privilégios.

8.4. A última ceia de Jesus

(Mc. 14, 12-31; Mt. 26, 17-33; Lc. 22, 1-38; Jo. 13, 1-17)

Consciente do final que lhe esperava em Jerusalém, Jesus prepara um jantar de despedida com seus amigos e discípulos. A refeição tinha um significado humano e espiritual muito especial e faz parte essencial da missão como um sinal da grande refeição que virá na plenitude dos tempos. Em algumas parábolas, Jesus fala do banquete do reino, para visualizar como é o reino e para convidar a participar dele. Esse convite é feito a todos e a aceitação acontece a partir da conversão de atitudes em relação a Deus e, principalmente, no amor ao próximo.

Nesse ano, a noite pascal aconteceria em Israel ao anoitecer da sexta-feira, que já era dia de sábado. Jesus antecipou aquele último jantar para a quinta-feira. Nesse momento, Jesus simbolizou toda a sua vida e missão, com palavras e gestos, criando um novo culto que se fundamenta na sua morte e ressurreição, oferecidos a Deus em favor de toda a humanidade. Trata-se da liturgia do amor de Deus para os homens que, acolhendo a vida divina em si mesmos, em comunhão com Jesus, fazem parte da vida e da missão do próprio Cristo, para levar ao mundo o amor divino, continuando a missão do evangelho em todo tempo e lugar, se entregando a si mesmos para Deus, a exemplo de Jesus, para servir e amar a todas as pessoas, especialmente aos pobres. Eis a Eucaristia, o alimento da Nova Aliança do amor de Deus com a Humanidade, selada pela morte e ressurreição de Jesus. Essa liturgia alimenta o lava-pés, o serviço ao próximo por amor, para que todos tenham vida e a tenham em abundância (João 10,10).

PARA REFLETIR E DIALOGAR

Existe, ainda, entre nós, a imagem de um Deus que queria a cruz para Jesus e que envia o sofrimento para as pessoas? As pessoas acham, ainda, que um acidente ou doença é vontade divina? Jesus aproveitou o conflito e as dificuldades para avançar e crescer na missão. E nós, conseguimos fazer isso ou, pelo contrário, recuamos, desistimos? Jesus nos deixou a Ceia (eucaristia) como prova do seu imenso amor e como alimento inspirador para pensar, sentir, sonhar, amar como Ele nos amou. O que é a eucaristia para nós? Como nós participamos nesse momento essencial da nossa vida de fé?

TEMA 9 – A MORTE DE JESUS NA CRUZ

9.1. Julgamento, paixão e morte na cruz (Mc. 14, 26- 15-47; Mt. 26,30-27,66; Lc. 22,39-23,56; Jo. 18,1-19,42).

Jesus morreu na cruz! Aconteceu, com muita probabilidade, no dia 7 de abril do ano 30, em Jerusalém, sexta-feira, véspera da grande páscoa judaica que coincidiu, naquele ano, em dia de sábado. Daí que João fala que “*esse sábado era muito solene*” (Jo. 19, 31). Na hora que Jesus morria na cruz, o sumo sacerdote sacrificava no templo um cordeiro para o perdão dos pecados do povo. Os pais de família sacrificavam o cordeiro para o jantar sagrado da noite. Os primeiros cristãos compreenderam que Jesus é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Depois do jantar especial da quinta-feira, a Última Ceia, Jesus se recolheu num canto do Monte das Oliveiras, no horto do Getsêmani. Chamou os seus discípulos para orar, pois bem sabia o que lhe esperava e estava angustiado. “*Pai, se for possível, afasta de mim este cálice, não se faça, porém o que eu quero, mas a tua vontade*”. A vida toda de Jesus foi um lavapés, uma entrega de amor em favor do próximo. Chegava a hora suprema da entrega total e Ele foi fiel até o final! Tudo aconteceu muito rápido. O traidor chegou com os soldados do templo e o conduziram preso. Perante Anás houve um interrogatório rápido para ter provas na audiência oficial no Sinédrio, no amanhecer da sexta-feira. A decisão já estava tomada fazia muito tempo. Bem de manhã foi conduzido a Pilatos, formulando uma acusação política. Para o governador o assunto não tinha transcendência e não quis contrariar as autoridades da cidade, pois tinha outros problemas mais importantes que resolver. Conduzido ao Calvário, bem perto da cidade, lugar escolhido para que o povo pudesse ver a execução e morte terrível na cruz, para que ninguém ousasse desafiar o poder romano. Pelas três horas da tarde Jesus morria na cruz.

9.2. Por que mataram Jesus na cruz

O Novo Testamento nos revela que Jesus morreu na cruz para perdoar os nossos pecados. É uma verdade de fé que nos mostra o imenso amor de Deus. Mas não compreenderemos o que isso significa se não entendermos as causas históricas que provocaram essa morte injusta e o que isso pede de nós. Do contrário viveremos uma fé infantil e alienada, sem maturidade nem compromisso.

Jesus morreu na cruz porque enfrentou seriamente as autoridades

religiosas e civis da época. Foi uma luta pacífica, a partir da consciência, de apresentar um novo estilo de vida e da palavra. Desautorizou o poder e semeou no povo uma nova forma de viver, que vem de Deus e que se traduz em relações fraternas entre as pessoas. A vida pública de Jesus foi um constante conflito com os poderosos, desde o início até o fim. Ele não era guerreiro de armas, nem tinha dinheiro nem posição social importante. Para os grandes da sociedade não era ninguém. Para o povo era um grande profeta. Para os discípulos era o Filho de Deus. Isso que assustou as autoridades e, desde o início, procuravam a oportunidade de mata-lo. Jesus não recuou na sua missão. A consequência foi a cruz.

A relação que Jesus estabelecia com Deus era um escândalo para os chefes do povo. Um Deus tão familiar (ABBA) amoroso tirava o medo do coração do povo que, desse jeito, não viria aceitar imposições das autoridades. Estas tratavam o povo com desprezo e não o consideravam como sujeito. Esse povo dominado e humilhado era do interesse do poder que vivia às custas dos pobres. O fruto da fé em um Deus misericordioso era a primazia do amor ao próximo, da acolhida e ajuda aos marginalizados, pobres, doentes, mulheres, crianças, estrangeiros e pecadores. Essa atitude subvertia a organização social. O poder religioso e político logo compreendeu o perigo dessa mensagem para a ordem social. O conflito entre Jesus e as autoridades foi aumentando cada vez mais. Ele, porém, foi corajoso e não recuou, caminhou adiante até chegar a Jerusalém, a capital onde as autoridades tinham o controle absoluto da situação. Ele ficou sem espaço e o resultado foi a cruz. Jesus foi fiel e coerente. Aceitou as consequências sem reclamar, consciente de que por meio dele abria-se um caminho novo na história em favor dos pobres. É por isso que ofereceu sua vida como sacrifício em favor de uma história mais digna para os mais humildes.

9.3. Jesus entrega a própria vida por amor

Jesus entregou a sua vida por amor à humanidade, como parte da sua missão de anunciar ao mundo o amor de Deus. Humanamente, Jesus morreu no abandono absoluto, no sofrimento da cruz, no fracasso aparente total. Os poderosos venceram sobre Ele e o mataram. A resposta de Deus é o amor e o perdão que superam todo o mal presente na história. Em Jesus Cristo, Deus Pai perdoa todos os pecados do mundo e derrama a sua misericórdia. Se humanamente a cruz é sinal de crueldade e instrumento terrível inventado pelos homens para castigar os inimigos, a partir do coração de Deus a cruz é sinal de salvação para todo o gênero humano. (Filipenses 2, 6-11).

Na cruz se revelam simultaneamente a maldade humana e a misericórdia divina, o pecado da história e a salvação de Deus. Assim entenderam os primeiros cristãos a partir da ressurreição do Senhor, que Deus perdoa os pecados do mundo por meio da cruz redentora do seu Filho e nos abre as portas da salvação. Eis o querigma anunciado pelos apóstolos ao mundo e que deu origem às primeiras comunidades cristãs. *“A Jesus, que nos ama e nos libertou dos nossos pecados por meio do seu sangue, 6 e nos fez reis e sacerdotes para Deus, seu Pai, - a Jesus, a glória e o poder para sempre. Amém.”* (Apocalipse 1,5b-6).

Eis o Querigma, o núcleo do anúncio cristão: Jesus morreu pelos nossos pecados e ressuscitou trazendo para nós uma vida nova. Ele vive e é o Senhor!

9.4. Compromisso Cristão perante a cruz

Um cristão que esquece as causas históricas da morte de Jesus pode viver uma fé alienada da realidade, individualista e de fantasias. Os relatos do evangelho nos convidam a olhar com amor o crucificado e compreender que, hoje, as pessoas que sofrem e são marginalizadas fazem presente o Deus crucificado que espera de nós uma atitude e um compromisso de solidariedade e de amor afetivo e efetivo. As palavras de Jesus: *“tive fome e me destes de comer”* (Mateus 25, 31-46) ecoam hoje com força para toda consciência humana. Contemplar Jesus Crucificado é essencial ao coração cristão: para agradecer tamanho amor e para assumir a causa dos pobres e sofredores, desprezados por uma sociedade satisfeita e fechada em si mesma. Agradecemos a pela salvação que em Cristo Jesus oferece a toda a humanidade. Comprometemo-nos a superar todas as cruces da história que trazem sofrimento aos homens, pois é vontade divina que todos tenham vida em abundância.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

É vontade divina que as pessoas sofram, que Jesus morresse na cruz? Por que Jesus foi crucificado? Em Jesus Deus nos perdoa e acolhe. Qual é o compromisso que Ele nos pede como cristãos? Pode a Igreja se desentender dos pobres e sofredores? Como deve ser a história humana para ser digna de Cristo? O que aconteceria a uma comunidade cristã se celebra a ressurreição sem se lembrar da cruz?

TEMA 10 – A RESSURREIÇÃO DE JESUS

10.1 O medo dos Discípulos

Para os discípulos tudo acabou na cruz. Era o fracasso total da missão de Jesus. Como Deus permitiu aquela tragédia? A dor, o medo e a frustração tomaram conta das consciências deles. Não existiam respostas possíveis nem consolação para tanto sofrimento. O ambiente dos seguidores era de total desolação. Sentiam-se sem forças para reagir, para continuar, para acreditar. Somente restava voltar cada um para a rotina anterior de cada dia para tentar esquecer tamanho desastre. Não havia motivos para continuar o caminho empreendido por Jesus. Nenhum deles poderia ter a mínima força anímica possível para dar seguimento àquela bela missão. Tudo tinha caído por terra, nada fazia sentido. Só restava voltar para casa e esquecer, na medida do possível, aquela experiência fascinante e encantadora vivenciada perto do Mestre. Situação de radical impotência e incapacidade para continuar sonhando naquela proposta.

O que aconteceu depois? Humanamente, historicamente não há argumentos nem explicações para que, de repente, aqueles homens e mulheres continuassem se reunindo em nome do Senhor Jesus e prosseguissem a missão iniciada por Ele. Não fazia sentido e era uma loucura permanecer naquele empreendimento que conduziu o Nazareno ao mais absoluto dos fracassos. Teria alguma explicação que todo um grupo tão diverso caísse, de repente, em tamanha sem razão? Aquelles homens e mulheres eram adultos bem curtidos pelas situações da vida. Pessoas de equilíbrio emocional, com experiência de trabalho pesado, pais e mães de família com filhos, vivendo naquela época que a vida era difícil, experimentados em mil trabalhos e sofrimentos para sobreviver. Não era, precisamente, o perfil apropriado para uma alucinação coletiva. Isso era impossível. Segundo Paulo eram mais de 500 irmãos que participaram da experiência inicial do cristianismo desde os primórdios, testemunhas da ressurreição de Jesus (**1Coríntios 15,1-8**).

10.2. Encontro com as mulheres e discípulos

(**Mc. 16, 1-8; Mt. 28,1-10; Lc. 24,1-12; Jo. 20,1-10**).

É natural que os discípulos, especialmente as mulheres, fossem na madrugada do primeiro dia da semana para o lugar onde Jesus tinha sido colocado. Não o encontrando experimentam uma situação inusitada. Elas recebem o anúncio da ressurreição e encontram-se com Ele ressuscitado. Anunciam ao grupo a notícia, mas os outros não acreditam na palavra delas.

De formas diversas também os discípulos, pessoalmente ou como grupo experimentam o encontro com o Senhor ressuscitado e são convidados a continuar a missão iniciada por Ele, anunciando a Boa Novado Reino que, a partir desse momento, tem como centro a morte e a ressurreição de Jesus. ***Em todos os casos a iniciativa cabe ao Senhor.***

Os discípulos começam a acreditar na ressurreição e a lembrar as palavras do Senhor de que era preciso passar pela cruz para alcançar a glória. Essa presença invisível, porém real para os seguidores, vai mudando o ânimo, devolve a alegria de viver, de continuar a missão por Ele iniciada, tomando, agora, a iniciativa e o protagonismo da mesma. Esses encontros com o Ressuscitado acontecem de forma pessoal e comunitária, evocam os momentos significativos vivenciados antes da cruz, alimentam a fé, impulsionam para a missão de evangelizar e transformam a vida deles. A vivência do Cristo que habita no coração cristão traz alegria, paz, amor, luz, motivação para viver o evangelho, para servir ao próximo e transforma a vida. Ninguém mais pode roubar a presença do Senhor Ressuscitado do coração cristão.

10.3. Os relatos da ressurreição

Prevalecem nos textos sobre a ressurreição de Cristo dois tipos de relatos: as aparições aos discípulos e o túmulo vazio. O que importa nesses relatos não é, porém, nem a aparição em si nem o túmulo vazio. O túmulo é referência de alguém que morreu. Não assim com Jesus. *“Por quê procurais entre os mortos Aquele que está vivo? Ele não está aqui! Ressuscitou”* (Lucas 24, 5b-6a). O cristão é chamado a seguir Jesus ressuscitado no caminho da vida. Nas aparições do ressuscitado importa a atitude de fé dos discípulos, nem tanto como era a imagem de Jesus. Muitas vezes os discípulos não reconhecem. Isso significa para nós que o encontro com Jesus acontece no plano espiritual e não no material, nas coordenadas do espaço e do tempo. Ele está presente em todo tempo e lugar, de forma invisível, sem acesso aos sentidos (vista, ouvido, tato etc.), acessível somente pela fé. Próximo de cada ser humano, não impõe a sua presença a ninguém, mas convida a uma relação única e intransferível, pessoal e comunitária. *“Já estou à porta e bato. Quem ouvir a minha voz e abrir a porta, entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo”* (Apocalipse 3, 20). A intenção do texto sagrado não é satisfazer nossa curiosidade para saber como era o túmulo, como aconteceu, fisicamente a ressurreição, qual era a aparência de Jesus ressuscitado quando se apareceu aos discípulos, como era seu rosto, a sua voz. A intenção do texto é suscitar em cada ouvinte ou leitor

uma vivência profunda e transformadora de encontro pessoal e comunitária com Ele. A vivência desse **encontro** transforma a vida das pessoas, desperta o desejo de viver como Ele viveu, pensar, sentir, amar do jeito de Jesus, acolher de coração o estilo do evangelho, procurar a comunidade cristã, nos seus diversos níveis (pequena comunidade, comunidade eclesial, paroquial, diocesana e universal – católica significa universal). Quando o cristão sente-se amado por Cristo e o ama com paixão, procura a comunidade cristã, pois sem ela a fé se esvazia, torna-se efêmera e desaparece; é na comunidade que ele encontra a presença de Jesus que alimenta a fé e o amor a Deus e ao próximo.

É muito significativo e gratificante compreender que a iniciativa das aparições, desses encontros tão bonitos e profundos de Jesus com seus discípulos, tanto quando acontecem pessoal como comunitariamente, a iniciativa é sempre do Senhor ressuscitado. Ele sempre vem ao encontro da gente! Eu posso me sentir mal, pecador ou indigno da sua graça, mas, como não abrir o coração para Ele entrar na minha vida? Ou em nossa vida?

10.4. Jesus Cristo é o Senhor

O querigma representa o núcleo da vivência e do anúncio cristão. Os primeiros cristãos proclamam ao mundo que Jesus de Nazaré, o Jesus histórico, é o Cristo da fé, o Senhor ressuscitado. Os discípulos anunciam essa Boa Nova não a partir de teorias filosóficas ou ideológicas, mas a partir de uma experiência profunda de vida marcada pelo encontro vivo com Jesus ressuscitado. Experiência pessoal e comunitária, na intimidade do coração de cada um e no encontro do grupo de fé quando celebra a presença do Senhor Eucaristia e na história humana, quando ora e estuda os mistérios do Reino nas Sagradas Escrituras, pois Ele nos fala por meio delas iluminando o significado na nossa história, quando projeta e trabalha na evangelização, principalmente no serviço aos pobres e sofredores. Jesus está presente. Trazendo alegria, paz, luz, força, ânimo e coragem para caminhar no empenho do projeto do Pai.

A ressurreição é a resposta de Deus aos atropelos humanos. O Pai do céu não podia deixar que o seu Filho querido ficasse sumido na morte como um perdedor. Na ressurreição de Cristo Deus revela que o Reino da Vida vai em frente, não para, que não existe maldade humana que possa destruir o amor imenso que brota do seu coração generoso. O Senhor faz suscitar vida da morte, amor do ódio, alegria da dor, esperança do fracasso. Ele manifesta a sua vitória por meio da ressurreição.

PARA REFLETIR E DIALOGAR

Que é o cristianismo para os cristãos de hoje: uma ideologia ou filosofia de vida? Um conjunto de ritos e de costumes morais que se deve observar? Uma tradição cultural que não devemos perder? Uma vivência pessoal e comunitária de encontro com a pessoa de Jesus ressuscitado que transforma a vida? Qual é o valor da comunidade cristã para a vida de fé, numa sociedade tão individualista? Onde encontramos Jesus ressuscitado nos dias de hoje? Quais caminhos podemos utilizar para evangelizar, dando continuidade à missão de Jesus? Como podemos testemunhar e anunciar aos homens que só nele se encontra a salvação?

O MISTÉRIO DA IGREJA

1. A IGREJA CONTINUA A MISSÃO DE JESUS

Deus é comunhão de amor (Pai e Filho e Espírito Santo) que se abre à humanidade para compartilhar com as pessoas a sua vida, projeto e felicidade. Jesus, enviado pelo Pai, criou um grupo de discípulos para que convivessem com Ele e para enviá-los a evangelizar. Quando Ele consumou sua missão na terra, entregando a própria vida por inteiro para a salvação de todos, por amor, enviou seus discípulos ao mundo para que continuassem a mesma missão, na luz e força do Espírito Santo.

1.1. Evangelizar: missão de Jesus e da Igreja

“Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes tinha indicado. Quando viram Jesus, ajoelharam-se diante d’Ele. Mesmo assim, alguns duvidaram. Então Jesus aproximou-Se e disse: «Toda a autoridade Me foi dada no Céu e sobre a Terra. Portanto, ide e fazei com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, e ensinando-os a observar tudo o que vos ordenei. Eis que Eu estarei convosco todos os dias, até ao fim do mundo». (Mateus 28,16-20).”

Jesus tomou consciência da própria identidade e pertença; compreendeu que era Filho de Deus e fora enviado a anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, do amor do Pai (ABBA) a todos, especialmente aos pobres e sofredores. Cheio do Espírito, assumiu essa missão, não na linha do poder nem da imposição, mas na linha do Servo que entrega a própria vida em favor de todos, por meio do testemunho de vida, da Palavra e dos milagres ou sinais que transformam as situações de dor em novas realidades de Vida, trazendo luz e alegria para o povo. Compartilhou a sua vida e missão, desde o início da mesma, com seus discípulos e discípulas, para que aprendessem no convívio com Ele a viver o Evangelho, caminhando na vida como filhos de Deus e irmãos de todos, e para que o anunciassem ao mundo. Chegada que foi a hora da sua volta ao Pai, encomendou-lhes a própria missão de evangelizar como responsabilidade principal.

“Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora. A ordem dada aos doze, “Ide, pregai a Boa Nova”, continua a ser válida, se bem que de maneira

diferente, também para todos os cristãos.” (Evangelii Nuntiandi, 13).

A essência da Igreja é EVANGELIZAR, anunciando com obras e palavras que Cristo é o Salvador e que a mensagem do Evangelho é o caminho da vida verdadeira, a fonte da felicidade humana. Cada cristão e cristã, religioso ou leigo, ministro ordenado ou não ordenado, em virtude do Batismo, recebe o mesmo dom de Deus e a mesma missão.

1.2. Identidade e pertença (Batismo)

Jesus nos revela que todas as pessoas somos filhos e filhas de Deus. Deus Pai é a origem da nossa existência e nos criou por amor, tem um projeto de vida para cada um e para todos, e tudo encaixa perfeitamente para o bem de cada um e a harmonia entre todos. Enviou o Filho Amado ao mundo para nos salvar do poder do mal, acompanhar nossa caminhada e nos orientar pelo caminho da Vida. Derrama, também, o seu Espírito para despertar em nós a consciência desse mistério maravilhoso e o valor de PARTICIPAR no projeto divino.

Deus ama a todos e todas por igual. Os homens e mulheres, que escutam e acolhem a Boa Nova de Jesus, batizam-se em seu nome para participar da vida do Evangelho em comunidade. Assim, cada batizado e batizada é a pessoa que aceita viver como filho e filha de Deus e como irmão e irmã de todas as pessoas, participando na comunidade de Jesus e entregando a própria vida em favor da dignidade e felicidade do próximo.

Cada batizado é chamado a viver essa comunhão de amor com Deus e com as pessoas a partir do encontro vivo, permanente, pessoal e comunitário com Jesus Cristo, nosso irmão, amigo, pastor e salvador. Trata-se de uma relação única e intransferível, de uma experiência real, no âmbito da fé. *“Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim. E esta vida que agora vivo, eu vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e Se entregou por mim.” (Gálatas 2,20).* A vocação de ser cristão parte, constantemente, desse encontro de amor entre cada batizado e Jesus Cristo. O Espírito, derramado por Deus e que habita em cada coração, impulsiona cada fiel a esse encontro único e inigualável, que suscita vida nova, alegria e um amor a Deus e ao próximo, intenso e inesgotável. *“Já estou à porta e bato. Quem ouvir a minha voz e abrir a porta, entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo.” (Apocalipse 3,20).*

1.3. Comunhão de filhos e irmãos (Eucaristia)

A vocação e missão do cristão alimentam-se na Palavra, acolhida em oração de diálogo e entrega, pessoal e comunitária, pois nela encontra inspiração, luz, motivação e força. *“Assim acontece com a Palavra que sai da minha boca: ela não volta para Mim sem ter produzido o seu efeito, sem ter realizado o que Eu quero e sem ter cumprido com sucesso a missão para a qual Eu a mandei.” (Isaias 55,11).* O momento que expressa e impulsiona melhor essa comunhão é a Eucaristia, que significa participar da Ceia do Senhor, quando Ele se entregou incondicionalmente em favor de todos por amor. Aquele encontro de Jesus com seus discípulos ecoa através dos tempos e lugares, cada vez que uma comunidade cristã se encontra para celebrar a Páscoa do Senhor. A eucaristia faz a comunidade, a comunidade celebra a eucaristia. Nada substitui a eucaristia como o momento maior da comunidade cristã. Cada ciclo litúrgico recolhe os sentimentos e atitudes mais profundos dos cristãos em relação a Jesus: a alegria pela sua presença, a saudade pela ausência física, a esperança que suscita sua palavra, a promessa que impulsiona ao compromisso da fé na vida dos homens, principalmente a evangélica opção pelos pobres, na luta por um mundo melhor.

A oração diária a partir da Palavra, a celebração compromissada e adulta da eucaristia e a prática diária do amor ao próximo no engajamento e mobilização em favor da justiça e da paz, a renovação quotidiana das relações humanas, procurando o respeito e o diálogo com quem pensa ou sente diferente, a superação da inimizade, das antipatias, dos preconceitos... fazem parte do caminho cristão, enquanto esperamos a feliz realização das promessas no reino definitivo.

1.4. Testemunho: Profeta, Sacerdote e Rei (Pastor)

A Igreja é um povo de profetas, sacerdotes e pastores. Como profeta, vive da Palavra de Deus, que tem a primazia na vida cristã. A oração pessoal e comunitária está orientada pela Palavra, para viver e anunciar, no mundo, o projeto de Deus para a humanidade, revelado por Jesus no Evangelho. A oração e a vida cristã não estão pautadas pelos interesses individuais, mesmo que legítimos, mas pela vontade divina.

A Igreja é, também, toda ela, um povo sacerdotal, que intercede no mundo em favor de todos os homens, anunciando o Evangelho, transmitindo a reconciliação, a bênção e o amor de Deus; promovendo o encontro das pessoas com Jesus Cristo, o Salvador, fazendo-se de ponte entre Deus e a

humanidade. A liturgia cristã não é assunto individual, mas comunitário, e todo o povo de Deus é chamado a participar ativamente nela, de acordo com as diversas funções e serviços. A eucaristia, fonte e ápice da vida cristã, precisa favorecer a participação ativa dos fiéis, tocando o coração, iluminando as mentes e convocando para a ação apostólica em favor dos sofredores.

Na sua função de ser Rei - Pastor, a exemplo de Cristo, a Igreja preocupa-se com tudo quanto afeta à vida e à história da humanidade. Nada do que é verdadeiramente humano pode ser alheio ao coração cristão. O Evangelho de Jesus é uma alternativa radical aos valores que dominam o mundo. É uma contradição ser cristão e se conformar, acomodar, ao pensamento e aos interesses que prevalecem em cada momento histórico, gerando divisões, injustiças, opressão, sofrimento dos pobres e falta de respeito ao ser humano. Jesus, Bom Pastor, sai ao encontro dos que estão perdidos, machucados, discriminados, à margem da sociedade. Do coração do Bom Pastor, nasce a pastoral da Igreja, a ação de amor afetivo e efetivo para transformar os sinais de morte em sinais de vida.

PARA REFLETIR

Que significa, na vida de cada um, o fato de ser batizado? Você experimenta no seu coração a alegria de viver em comunhão de fé e de amor com Jesus e com a comunidade cristã? Que quer dizer que pelo Batismo somos profetas, sacerdotes e pastores?

2. IGREJA, POVO DE DEUS

2.1. Comunidade que peregrina na fé

“Por causa de Cristo, porém, tudo o que eu considerava como lucro, agora considero-o como perda. E mais ainda: considero tudo uma perda, diante do bem superior que é o conhecimento do meu Senhor Jesus Cristo. Por causa d’Ele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo, e estar com Ele (...). Quero, assim, conhecer a Cristo, o poder da sua ressurreição e a comunhão nos seus sofrimentos, para me tornar semelhante a Ele na sua morte, a fim de alcançar, se possível, a ressurreição dos mortos. Não que eu já tenha conquistado o prêmio ou que já tenha chegado à perfeição; apenas continuo a correr para o conquistar, porque eu também fui conquistado por Jesus Cristo. Irmãos, não acho já ter alcançado o prêmio, mas uma coisa faço: esqueço-me do que fica para trás e avanço para o que está adiante. Lanço-me em direção à meta, em vista do prêmio do alto, que Deus nos chama a receber em Jesus Cristo. (Filipenses 3, 7-14).

Um cristão sozinho não é cristão, diziam os primeiros cristãos, conscientes de que caminhavam em grupo, em comunidade de fé e de amor. O povo da primeira aliança (Velho Testamento) sabia bem disso: a eleição divina era coletiva, para se ajudar mutuamente na caminhada da fé. Povo que experimentou fisicamente as agruras do deserto, experiência única e profunda de fé e de amor de Deus. Tudo era de todos, naquela vida marcada pelo montar e desmontar as tendas do acampamento e participar das mesmas alegrias e tristezas, angústias e esperanças, rumo à terra prometida. Assim, também, o povo da Nova Aliança em Jesus Cristo, que é a Igreja, caminha pelo mundo na consciência de ser peregrina que aprende a viver desmontando, a cada dia, as tendas do acampamento dos valores deste mundo para caminhar ao alcance da plenitude das promessas de Cristo rumo ao reino definitivo. As realidades são importantes, porém relativas, e cada dia é uma bela oportunidade de fazer o bem, a exemplo de Jesus, revelando ao mundo o seu amor.

O cristão vive no mundo a partir dos valores do Evangelho. Não despreza as realidades materiais: a natureza, as coisas, os seres vivos, as pessoas etc., pois tudo foi criado por Deus e Ele viu que tudo é bom! Porém, é necessário, a exemplo de Cristo, viver com discernimento em relação a tudo quanto existe, pois é preciso *“buscar, em primeiro lugar, o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será acrescentado”* (Mateus 6, 33). Não se trata de uma atitude de alienação em relação ao mundo (tudo é pecado, nada presta, isso é do mundo etc.), mas de uma atitude natural em relação a tudo quando Deus criou, com espírito crítico, no sentido de discernir, constantemente, o que ajuda a viver o Evangelho e o que atrapalha, aproveitando cada momento da vida para testemunhar o amor de Deus que é derramado, pelo Espírito, em nossos corações, tomando atitude na história humana em favor do reino de Deus, fazendo acontecer uma história nova, transformada e inspirada na evangélica opção preferencial pelos pobres.

2.2. Comunidade de Jesus: discípulos

“Jesus subiu ao monte e chamou os que desejava escolher. E foram ter com Ele. Então Jesus constituiu o grupo dos Doze, para que ficassem com Ele e para os enviar a pregar, com autoridade para expulsar os demônios” (Marcos 3, 13-15). A Igreja é a comunidade dos chamados por Jesus. Cada cristão e cristã faz parte da Igreja, porque Cristo chamou. Quando a pessoa vai tomando consciência da própria vida e das próprias opções, mesmo que ainda seja criança, pode reconhecer e aceitar, na maturidade própria de cada

idade e de cada ser humano, esse chamado que se experimenta no âmbito da fé. Um dia, essa fé pode se tornar adulta e ser vivenciada com maturidade e alegria, reconhecendo o amor precioso de Deus por cada um e em si mesmo e aceitando responder positivamente a um chamado único, pessoal e intransferível.

Esse chamado tem duas grandes dimensões: a vida interior e a projeção exterior. Somos chamados a ser discípulos e missionários. Cada um do jeito que é e como o Senhor o quer; não há duas pessoas iguais nem vocações absolutamente idênticas. A primeira dimensão desse chamado, é para conviver com Ele para aprender a viver de uma outra forma, segundo o estilo do Evangelho. Jesus é o Divino Mestre e os cristãos somos seus discípulos e seguidores, aprendendo a cada dia a viver na escola de amor em comunhão com Jesus.

2.3. Igreja em saída: Missionários

A missão é consequência do discipulado. Por que aqueles primeiros discípulos e discípulas de Jesus o seguiram “imediatamente” deixando tudo quanto tinham? Porque experimentaram, na convivência com ele um fascínio extraordinário, insuperável. “Encontramos o Cristo”, disse André a Simão Pedro, seu irmão, após conviver com Ele por um dia (João 1, 35ss). Naquela convivência, ficaram encantados, fascinados, cativados por Jesus. Tudo mudou para eles a partir daquele dia. É dessa experiência de ENCONTRAR Jesus no caminho da vida e de aprender a conviver com Ele, que nascem o testemunho e a missão. A atitude de “deixar tudo” por Ele e pelo Evangelho é o primeiro fruto de encontrar e de conviver com Cristo. Pode-se vivenciar de formas diversas: continuando no mesmo estado de vida (família, trabalho, casa etc.) ou mudando, também de estado de vida, de trabalho, de lugar. Em todo caso, é fundamental experimentar e transparecer, pelo testemunho de vida, que Ele vive em mim, no meio de nós, em cada pobre e sofredor, perto de cada ser humano, para que o acolhamos na fé e o testemunhemos na caridade, como reza uma das orações (prefácio) do tempo de Advento.

“Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. Vivendo conforme a sorte de cada um e adaptando-se aos costumes do lugar, testemunham um modo de vida admirável. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem as leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos; fazem o bem, e são punidos; condenados, se alegram

como se recebessem a vida” (da Carta a Diogneto).

A parábola do Bom Samaritano (Lucas 10, 25-37) expressa muito bem o que é uma Igreja em saída. O samaritano “viu e sentiu compaixão” perante o homem ferido e caído à beira da estrada; atuou assumindo e resolvendo a situação dele. Jesus convida: “vai e faz a mesma coisa”.

2.4. Mística: Oração e Ação

A vida cristã nasce da inspiração da Palavra, que tem a primazia no desenvolvimento da fé na história de cada cristão e da Igreja. A Palavra acolhida em oração inspira, alimenta e impulsiona em nós sentimentos, pensamentos, convicções, atitudes, práticas e um estilo de vida evangélico, semelhante à vida de Cristo. A Palavra entra pelo ouvido, transforma a mente e o coração, projeta-se pelo olhar de ternura e misericórdia, pelas mãos em obras de amor que transformam, pelas palavras de bem, de gratidão a Deus e de anúncio da Boa Nova ao povo, pelos pés que saindo de si procuram a vida do povo para participar na sua transformação histórica na procura de uma vida digna para todos.

Nossa oração está cheia de egoísmos, imperfeições, limitações, pois nem sabemos bem como devemos orar. Jesus nos ensina a orar em atitude comunitária e solidária (Pai nosso), situando, em primeiro lugar, a vontade de Deus e pedindo a sua graça para procurar e fazer acontecer o reino de Deus. Pedimos o perdão, a reconciliação com todos, a graça para superar o individualismo egoísta e as armadilhas do mal. Na história dos santos e santas, aprendemos a orar como é conveniente aos cristãos: agradecer pela vida e pela fé, pedir a graça de reconhecer qual seja a vontade de Deus em cada momento e a coragem e força para praticar o que Deus nos pede a cada dia. *“Eis que venho, Senhor, com prazer, fazer a vossa vontade! (Salmo 39/40).*

A pessoa humana não é sozinha, mas, sendo profundamente pessoal, também é comunitária, pois nossa origem é o Deus Trindade, pessoal e comunitário. Assim é a oração cristã. Ela é dialogal e parte da escuta da Palavra de Deus que em cada momento da história pessoal e social fala uma mensagem viva e para a vida. Desperta, aviva, motiva e impele ao engajamento e mobilização das pessoas e dos grupos em favor do projeto divino. “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (João 10,10). O sentimento cristão, alimentado pela oração evangélica, deriva em ação transformadora do mundo, da realidade humana e social, para que

a história seja digna de Cristo pelo amor fraterno. Os ministérios da Palavra e da Liturgia preparam as mentes, os corações e as mãos dos cristãos para o ministério maior e principal que é a Caridade (o amor fraterno).

PARA REFLETIR

Todos somos chamados na Igreja a fazer uma passagem de um modelo marcado pelas práticas individuais, que procuram graças particulares, para um modelo de participação mais adulta, consciente e engajada com o Evangelho. Quais são as características, segundo o texto refletido, desse novo modelo eclesial?

3. IGREJA MINISTERIAL (SERVIDORA)

3.1. A serviço do Reino de Deus

“A evangelização há de conter também sempre, ao mesmo tempo como base, centro e ápice do seu dinamismo, uma proclamação clara que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus.” (Evangelii Nuntiandi, 27). O anúncio explícito do Evangelho de Jesus Cristo faz parte essencial da missão da Igreja, pois essa é a sua profunda vocação. *Entre evangelização e promoção humana, desenvolvimento, libertação, existem de fato laços profundos: laços de ordem antropológica, dado que o homem que há de ser evangelizado não é um ser abstrato, mas é sim um ser condicionado pelo conjunto dos problemas sociais e econômicos; laços daquela ordem eminentemente evangélica, qual é a ordem da caridade: como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? Nós próprios tivemos o cuidado de salientar isto mesmo, ao recordar que é impossível aceitar “que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade”.* (Evangelii Nuntiandi, 31).

A evangelização nasce do **testemunho** de vida cristã de cada fiel e da comunidade eclesial. Testemunho que se abre em **diálogo** sincero com a sociedade plural, partindo sempre de uma identidade forte e com maturidade, respeitando as legítimas opções religiosas, sociais, culturais ou políticas dos outros. O mesmo testemunho também se projeta por meio do **anúncio** livre e claro do Evangelho de Jesus, como caminho verdadeiro de vida humana.

Jamais poderia faltar, na comunidade cristã, a ação de **serviço** ao próximo, desinteressado, gratuito, por amor, para colaborar com a vida digna de todo ser humano que sofre situações de injustiça ou de abandono.

O serviço gratuito, sem esperar nada em troca, é, na realidade, a primeira exigência evangélica que brota do coração cristão. Significa, também, a presença dos cristãos nos âmbitos onde a história humana é dirigida ou determinada, como acontece no mundo do trabalho, da família, da política, das artes, da cultura, da economia, da educação, da saúde, das ciências e tecnologias, da comunicação, da ecologia e no cuidado com a casa comum, no lazer, nos esportes etc. O mundo todo é um imenso altar onde os cristãos oferecem, em cada atividade humana, o sacrifício da doação de si mesmos ao Pai, no projeto e caminho de Jesus, para que a humanidade seja renovada pelo Espírito para a glória de Deus, fazendo a sua vontade. “*A glória de Deus é que o homem viva de verdade*”. (Santo Ireneu). Infelizmente, vive-se, com frequência, a incoerência de, por uma parte, participar de um culto cristão, para, por outra, servir, nas realidades do mundo, a projetos que contradizem o Evangelho do Senhor Jesus. Eis um dos grandes desafios da Igreja atual, procurar e cultivar a coerência evangélica entre a fé que se professa e a vida que se pratica a cada dia.

3.2. Dons, carismas, serviços e ministérios

“Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um, o Espírito dá a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro, o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda, o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro, o poder de fazer milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento dos espíritos; a outro, o dom de falar em línguas; a outro ainda, o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito quem realiza tudo isso, distribuindo os seus dons a cada um, conforme Ele quer.” (1Coríntios 12, 7-11).

Um dom é uma graça que Deus concede a uma pessoa para participar na comunidade e fazer um bem em favor do próximo. Quando esse dom toma posse da pessoa por inteiro e a encaminha para um serviço mais abrangente e para toda a vida, considera-se que é um carisma (uma graça de Deus). Um carisma, reconhecido pela Igreja, motiva e sustenta uma missão específica que envolve a pessoa toda por meio de uma entrega total a um serviço de evangelização. Um serviço é uma atividade evangelizadora que um cristão realiza em virtude da força do Batismo. Pode ser por um tempo limitado e absorve uma parte da vida do fiel. Quando esse serviço é mais abrangente, absorve

a vida do cristão e é reconhecido oficialmente pela Igreja, considera-se ministério. Existem dois tipos de ministérios: ordenados (diácono, presbítero e bispo) e não ordenados (educação, palavra, saúde, comunicação, pastoral, social etc.).

3.3. Ministérios ordenados, vida consagrada e laicato

Os ministros ordenados são chamados e enviados pela Igreja para santificar o povo de Deus pelo serviço da Palavra, dos Sacramentos e da Caridade. A caridade pastoral constitui o núcleo da mística e da espiritualidade dos ministros ordenados. Eles cuidam das comunidades eclesiais, despertam e reconhecem os dons e carismas, chamam a participar nos diversos serviços e ministérios que o Espírito suscita na comunidade cristã e organizam a pastoral e a evangelização. Na maioria das igrejas cristãs, os ministros ordenados, hoje, são homens.

Os ministros não ordenados não contam, ainda, com o reconhecimento e cuidado de que precisariam por parte da Igreja. São fundamentais para que a Igreja possa realizar melhor a missão que Jesus lhe confiou: Evangelizar, pois essa missão se desenvolve de formas diversas, tal como o Espírito suscita no coração dos fiéis, de acordo com as situações, necessidades e demandas do povo de Deus. Trata-se, sem dúvida, de um dos grandes desafios da Igreja dos tempos atuais.

Desde o início da história da Igreja, existe também a realidade de fiéis, mulheres e homens, que se consagram por inteiro a Deus, para servir ao povo de Deus. Vivem uma experiência intensa de oração, de comunidade cristã, a exemplo das primeiras comunidades, e ajudam na missão de evangelizar. Podem ser ministros ordenados ou não. Fazem parte das muitas ordens e congregações religiosas espalhadas pelo mundo afora. Historicamente, podem-se distinguir três grupos, pela dedicação maior a cada um desses elementos: a liturgia, a comunhão fraterna, o apostolado ativo. Todos os grupos assumem esses três eixos de vida, mas com intensidade diferente. Os religiosos escolápios, fundados por São José de Calasanz, fazem parte desse terceiro grupo que, assumindo a liturgia e a vida comunitária com intensidade, enfatizam mais no seu carisma o apostolado ativo, evangelizando principalmente por meio da educação transformadora das pessoas e da sociedade.

Com o despertar do valor do laicato na Igreja a partir do Concílio Vaticano II, também os escolápios abrem espaço para a participação dos leigos e leigas na vida e na missão escolápia, por meio das diversas modalidades: cooperação, missão compartilhada, carisma e missão compartilhada

(Fraternidade Escolápia) e integração jurídica.

3.4. Maria, modelo e intercessora da Igreja

A mãe de Jesus é apresentada pelos textos do Novo Testamento como modelo e intercessora da Igreja. É nela que os fiéis se espelham para viver a própria fé e dela esperam a graça da intercessão nas dificuldades da vida. É assim que o Concílio Vaticano II, no seu documento sobre o mistério da Igreja (*Lumen Gentium*), dedica um capítulo inteiro para meditar sobre a mãe de Deus, convidando os cristãos a aceitar sua mediação e seu exemplo de testemunho cristão, de seguimento a Jesus e de participação eclesial. Escolhida para ser a mãe do Salvador, agraciada por Deus e livre do mal, aceitou com humildade e espírito de doação total a sua missão.

Seguidora de Jesus caminhou até o momento da cruz, participando da ação evangelizadora do seu filho desde o início até o final. Presente na comunidade primitiva, participa na oração e na vida comunitária, do momento da efusão do Espírito em Pentecostes, junto com os apóstolos e demais discípulos de Cristo. Ela é apresentada como protagonista do momento principal da história humana, a encarnação do Filho de Deus. *“Quando, porém, chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei, a fim de que fôssemos adotados como filhos. A prova de que sois filhos é o fato de que Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: Abba, Pai!” (Gálatas 4,4-6). Para ela, não foi privilégio, mas responsabilidade. O Evangelho de João situa Maria como imagem da Igreja. Existem laços profundos de fé e de amor entre cada cristão e a Igreja: esta cuida de cada batizado com ternura e amor; o discípulo acolhe, no seu coração, a Igreja como se recebe uma mãe. “Jesus viu sua Mãe e, ao lado d’Ela, o discípulo que Ele amava. Então disse a sua Mãe: «Mulher, eis aí o teu filho». Depois disse ao discípulo: «Eis aí a tua Mãe». E, dessa hora em diante, o discípulo recebeu-A em sua casa.” (João 19, 26-27).*

PARA REFLETIR

Hoje convivem na Igreja diferentes modelos de ser Igreja. Uns mais individualistas, outros mais comunitários. Uns mais voltados para a necessidade de cada um, outros mais de compromisso pastoral. Qual é o modelo que o Papa Francisco e a Igreja do Brasil impulsionam? E os escolápios?

SÃO JOSÉ DE CALASANZ

1. BREVE HISTÓRIA DE CALASANZ E DAS ESCOLAS PIAS

Naquele dia 25 de agosto de 1648, Roma acordava no calor forte e característico do verão da cidade. Durante a noite, bem de madrugada, falecia na sua casa-colégio, situada perto da praça Navona (hoje lugar onde se situa a embaixada brasileira), José de Calasanz. Era velho, tinha algo mais de noventa anos, e estava cansado e esgotado pelos trabalhos e a vida que levava desde faz muitos anos. No dia seguinte, quando de manhã cedo, os padres da comunidade iam organizar o velório na igreja de São Pantaleão, as crianças que estudavam no colégio espalharam, por todos os cantos da cidade, a notícia, ao grito de “o santo tem falecido”. A partir desse momento, uma grande multidão, de todas as classes sociais, foi passando pela pequena igreja das Escolas Pias, para honrar aquele homem que tanto bem tinha feito às crianças.

Mas quem era esse homem, José de Calasanz? Naquela manhã, muitas pessoas procuravam sabê-lo. Hoje podemos responder melhor à pergunta. José de Calasanz, filho caçula de Pedro Calasanz e Maria Gastón, nasceu no ano de 1557, no vilarejo de Peralta de la Sal, reino de Aragão, na Espanha. Estudou, entre outras, na universidade de Lérida, conseguindo o título de doutor em Teologia. Foi ordenado padre no dia 17 de dezembro de 1583, trabalhando na sua diocese de Seu de Urgell. No ano 1592, viajou a Roma procurando benefícios e dignidades eclesiásticas, a fim de garantir uma vida financeiramente melhor e poder, assim, ajudar os parentes. Dedicou-se à Teologia e a obras espirituais e de caridade, percorrendo e chegando a conhecer profundamente a realidade social da cidade. No ano 1597, visitando a periferia de Roma descobre, no bairro do Trastévere, uma escolinha paroquial levada por uns voluntários da confraria da Doutrina Cristã. Essa obra social conquista o seu coração. Vai transformá-la em escola para as crianças pobres, às quais dedicará todos seus trabalhos e dinheiro. Nasce as Escolas Pias. Aos poucos, o empenho transforma sua vida, ocupa o seu coração e vai chegar a ser uma forma de vida religiosa que a Igreja reconhece, primeiro, como congregação em 1617 e, finalmente, como Ordem Religiosa das Escolas Pias no ano 1621. A expansão da obra de Calasanz foi fantástica. Em poucos anos, fundaram-se escolas além das de Roma, na Ligúria, Nápoles, Toscana, Sicília, Moravia, Boêmia, Sardenha e Polônia. Em 1646, a Ordem contava com 37 casas e 500 religiosos.

Mas, o crescimento e a variedade de situações trouxeram também graves problemas e sofrimentos ao santo. O maior deles foi, sem dúvida, a supressão pelo Papa da ordem fundada por Calasanz. Vai morrer apoiado singelamente na esperança de que Deus não vai deixar as crianças sem a obra que Ele tinha iniciado. Vinte anos após a morte do santo, o Papa vai reconhecer de novo a Ordem das Escolas Pias. Entre os motivos dessas dificuldades que teve que enfrentar, podem-se citar dois. O primeiro motivo foi de cunho social. Ele viveu uma época de passagem do mundo medieval para o moderno. O medievo, caracterizado socialmente pela organização feudal, apenas oferecia oportunidades de um servo ligado à terra se libertar. Calasanz entendeu a educação, também, como uma ferramenta de emancipação social. Por isso, foi perseguido, pois, como diziam os poderosos da época, “se os filhos dos pobres estudam, quem trabalhará para nós?”. O segundo motivo foi religioso. As ciências da natureza (naquela época, a física tomou a iniciativa) adotam a análise dos fenômenos naturais como base da pesquisa e o progresso das ciências. Desse modo, deixam os dogmas religiosos a um lado, para assumir uma metodologia de pesquisa científica e crítica. Calasanz aderiu a esse sistema moderno de construção do saber científico e o recomendou para as suas escolas. Acolheu e apoiou o físico Galileu Galilei quando foi condenado pela Inquisição e enviou dois religiosos para que morassem com ele, quando ficou cego, o ajudassem em tudo, não deixassem que nada lhe faltasse e aprendessem quanto pudessem dos seus conhecimentos. Apoiou também pensadores e cientistas que eram suspeitos da Inquisição por causa da metodologia moderna que utilizavam nas suas pesquisas. Também por isso, foi perseguido e, quando morreu, a Ordem Escolápia não podia receber mais membros até que desaparecesse.

Olhada assim, a vida de José de Calasanz nos manifesta diversas realidades. Percebemos, em primeiro lugar, que ele sofreu grandes mudanças. Deus, com sua graça, foi transformando aquele homem bom, mas com desejos de grandeza e que procurava sua honra e uma remuneração financeira melhor, de acordo com sua capacidade e preparo intelectual. A mente e o coração desse homem mudaram, convertendo-se em alguém ao serviço das crianças pobres e feito pobre pelo reino de Deus. Deus abriu o seu coração, para que enxergasse a realidade social com outro olhar, impregnado de misericórdia, e se engajasse totalmente na causa da promoção daquelas crianças e jovens, por meio da educação, compreendendo que, nesse compromisso, ele cumpria a vontade de Deus. Tudo isso foi um caminho longo, configurado por diversos

momentos. Mas, podemos dizer que o lugar onde se manifestou a vontade de Deus para Calasanz, foi a criança pobre, os pequenos. A partir desse momento, Calasanz viveu radicalmente esse caminho, visualizando para todos nós aquelas palavras do evangelho: “Quem recebe uma criança em meu nome, estará recebendo a mim. E quem me receber, estará recebendo àquele que me enviou”. A criança pobre e pequena transforma-se para Calasanz no sacramento de Cristo, presença de Deus no meio de nós.

Mas, José de Calasanz não é só importante como santo, ele também figura na história da humanidade como grande pedagogo. Como educador, ele foi o primeiro que valorou a educação das crianças pequenas. Valorou e desenvolveu o ensino básico como algo fundamental para o crescimento da pessoa e o desenvolvimento dos povos. Até então, a educação olhava, sobretudo, a formação clássica e o ensino superior. A educação básica era feita por educadores pagos e, portanto, só para as crianças ricas. A educação popular era desprezada e estava olvidada pelos governos que achavam, de forma errada, que um povo sem educação era mais governável. Calasanz abre suas escolas de graça para todas as crianças e, acima de tudo, preocupa-se com que as crianças pobres sejam educadas cuidadosamente, para assim viver melhor e ter mais opções de arranjar um emprego, de acordo com as aptidões e sonhos de cada um. O centro do seu pensamento, da sua pedagogia e da sua ação era a criança e o jovem. Ele, a partir de uma compreensão moderna do ser humano que integra as diversas dimensões do ser, procura que a criança seja feliz no decorrer da vida e alcance a plenitude na salvação eterna. Quer dizer, articula unitariamente os planos humano e espiritual, os mistérios da encarnação e da redenção.

A partir da escola, queria alcançar dois grandes objetivos: a felicidade da pessoa humana e a transformação da sociedade, para que fosse mais justa, livre e igualitária. Foi pioneiro, também, na intuição do método preventivo na educação, animando os educadores a utilizar mais a motivação positiva do que as punições. Para isso, ele teve que desenvolver programas pedagógicos, métodos e, acima de tudo, formar educadores que cuidassem das crianças, porque elas são o futuro da humanidade. Calasanz é um educador que vai elaborando uma pedagogia a partir da prática e pensando numa ação que fosse eficaz, produzindo resultados positivos para a vida pessoal e profissional da criança. Organizou o ensino fundamental em nove anos, definindo objetivos, materiais e métodos didáticos, para que as crianças percorressem esse processo de forma tranquila, superando etapas

até conseguir o acesso a um emprego digno ou a uma universidade. A última série desse Ensino Fundamental era revisional e uma preparação imediata para o futuro do aluno. Se o jovem pretendia continuar os estudos (Ensino Médio, preparatório para a universidade), insistia-se com ele no domínio da Língua Latina e das matemáticas, que eram as ferramentas principais para ingressar na etapa posterior. Se o aluno pretendesse procurar um emprego como secretário, contador, músico ou outro ofício especializado, era preparado para essas habilidades e obtinha um caminho proveitoso para construir uma vida digna. Calasanz foi o primeiro que adotou a língua materna como veicular nas suas escolas. Nelas recebia alunos de raças e religiões diferentes, respeitando as crenças de cada um, mostrando uma atitude de diálogo e de tolerância. Procurou a excelência acadêmica inserida numa educação integral, respondendo a todas as dimensões do ser humano.

PARA REFLETIR

Calasanz era um padre bom e dedicado. Chama a nossa atenção, porém, por causa da opção radical que ele fez em Roma, entregando a vida por inteiro em favor das crianças pobres. Que aspectos da vida humana e espiritual de Calasanz nos comovem mais e nos animam a seguir o caminho que ele trilhou? Como nós, escolápios religiosos e leigos, podemos atualizar o carisma e a missão dele?

2. AS ESCOLAS PIAS

José de Calasanz iniciou a escola para as crianças pobres em 1597. Os colaboradores eram alguns padres e leigos. Quando passaram vinte anos e o fundador ia completar os sessenta de idade, pensou na continuidade, expansão e futuro da escola que fundou. Era o ano 1617. O caminho mais natural na Igreja daquele tempo era fundar uma congregação ou ordem religiosa. Escreveu umas constituições para tal finalidade e as apresentou ao papa. Nasceram assim, as Escolas Pias como congregação religiosa que, em 1621, transformar-se-iam em ordem. Hoje não existe diferença entre ordem e congregação, mas naquela época era importante. Na ordem, os religiosos emitiam votos solenes e na congregação, não. Juridicamente a ordem garantia uma solidez maior. Calasanz pleiteou essa categoria canônica, para fortalecer as Escolas Pias.

Nas constituições que Calasanz escreveu e o papa aprovou, definem-se o carisma (mística, motivação interior que impulsiona a ação), a missão, a espiritualidade, o estilo de vida e as prioridades que marcam a vida do

grupo. A missão escolápia define-se em três grandes linhas de ação: Educar, Evangelizar e Transformar a sociedade.

Uma obra escolápia é um lugar de encontro e de participação, lugar de referência e de pertença. Trata-se de um espaço de participação, oportunizando o envolvimento de todos; onde cada membro se engaja de acordo com a própria responsabilidade e vocação.

Carisma escolápio

Carisma significa uma força interior que motiva um serviço em favor do próximo. Os cristãos acreditam que a origem dessa força (graça) é o Espírito Santo, tal como se revela no Evangelho de Jesus Cristo. O carisma envolve a pessoa toda e a orienta para uma finalidade altruísta, uma ação fecunda em favor do Reino de Deus, quer dizer, do Plano de Deus. São José de Calasanz recebeu de Deus um carisma, uma graça, de servir às crianças e jovens de Roma, que se encontravam sem horizonte de poder construir uma vida digna. Por meio da escola calasância, respondendo ao ser humano em todas as suas dimensões (acadêmica, espiritual, técnica e relacional), ele abriu as portas da juventude para um futuro digno. O aluno era o protagonista da construção da própria personalidade.

Missão escolápia

Nós Escolápios, Religiosos e Leigos, como São José de Calasanz, nos sentimos enviados por Cristo e a Igreja a Evangelizar Educando, as crianças e jovens, especialmente pobres, por meio da integração de Fé e Cultura (“Piedade e Letras”) para servir a Igreja e transformar a sociedade segundo os valores evangélicos de justiça e paz.

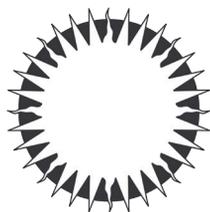
Constituições da O. R. das Escolas Pias (Números de 85 a 87)

“O Espírito Santo, que concede a cada um dons diversos para a edificação do Corpo de Cristo, fez surgir a Ordem das Escolas Pias pelo nosso Fundador. Nossa Ordem participa de modo peculiar do múnus de evangelizar, que pertence à Igreja toda, pela formação integral de crianças e jovens, principalmente pobres, como Instituto benéfico, que exerce a atividade apostólica da educação, sem visar lucros.

Este múnus de educar objetiva o desenvolvimento integral do homem, de tal forma que nossos alunos amem e procurem a verdade e, como artífices experientes, contribuam para que o mundo seja construído de forma mais humana, e seu estilo de vida seja coerente com a fé que professam. E assim, alcançando uma liberdade cada vez maior, percorram felizes o caminho da vida e obtenham a salvação eterna.

Como a educação na fé é o objetivo supremo do nosso ministério, seguindo o exemplo do Santo Fundador e nossa tradição, consideramos a catequese, que ilumina a fé, prepara para a Sagrada Liturgia e incita à ação apostólica, como meio fundamental do nosso apostolado, na comunidade cristã onde atuamos.”

Escudo da Ordem das Escolas Pias



1. O SOL QUE ILUMINA O MUNDO. A circunferência externa representa o mundo, a sociedade. Deus enviou o seu filho único não para condenar o mundo, mas para que seja salvo por Ele. Jesus, o Salvador, está representado pelo sol que ilumina e aquece a humanidade com o amor divino.

2. MARIA, MÃE DE DEUS. Maria, na Bíblia, simboliza a Igreja que tem a missão de anunciar Jesus e o Evangelho ao mundo, pois em Cristo encontra a vida plena.

Para Calasanz, Maria é o modelo e intercessora da vida da fé, educadora de Jesus e da humanidade. A importância de Maria na missão escolápias é expressa no escudo em dois níveis:



Na parte superior, aparecem duas letras: M e A, que são a primeira e a última letra de MariA.



A coroa representa que Maria é Rainha, junto ao Filho que é o rei dos reis.

Μ̄Ρ̄ Θ̄Ῡ

Na parte inferior, aparecem quatro letras gregas: M (mu) e P (rho), primeira e última letras da palavra MHTHP (méter) que significa MÃE e Θ (tzta) e Y (üpsilon), primeira e última letras da palavra EOY (Tzeu), que significa DE DEUS.

Essas letras, portanto, significam: MARIA, MÃE DE DEUS



3. O escudo significa, assim, que os escolápios, sob a proteção de Maria e assumindo com ela a missão de educar os filhos de Deus, participam da missão da Igreja de **EVANGELIZAR**, anunciando Jesus, luz do mundo, aos homens.

CALASANZ HOJE

A inspiração que teve Calasanz para criar a primeira escola popular da Europa e a descoberta de que o direito à educação de qualidade é universal, continua hoje de muitas formas e por meio de muitas pessoas e grupos diversos.

- Os religiosos escolápios. Mais de dois mil, espalhados por 38 países, vivem em comunidades e trabalham em obras de evangelização e de educação continuando a missão escolápia. Os religiosos se comprometem, por meio dos votos de pobreza, castidade e obediência, a dar continuidade à obra de Calasanz.
- A Fraternidade Escolápia. Milhares de leigos e leigas que participam em pequenas comunidades de fé e de missão escolápia, inspirando e impulsionando obras e atividades de evangelização e de educação, junto com os religiosos escolápios.
- Colaboradores leigos e leigas. Milhares de homens e mulheres que, de forma profissional ou voluntária, participam nas obras educativas escolápias fazendo acontecer a missão de Calasanz, hoje, no mundo.
- O Movimento Calasanz. Trata-se de uma rede de grupos de fé que, respeitando as faixas etárias e de forma processual, participam na Igreja a partir de projetos de formação inicial da fé cristã, orientando a desembocadura da vida de fé nas comunidades cristãs.
- A Rede Itaka Escolápios. Trata-se de uma plataforma de missão escolápia compartilhada entre religiosos e leigos para impulsionar a missão de evangelizar educando, suscitando cristãos conscientes a serviço do reino de Deus e oferecendo suporte a obras escolápias que se orientam, principalmente, às crianças e jovens em situação de vulnerabilidade pessoal ou social.
- A família calasância. É um conjunto de congregações religiosas que, na inspiração do carisma de Calasanz, iniciaram obras educativas diversas, atualizadas às diversas necessidades de cada tempo e lugar. Entre esses grupos constam: escolápias, calasancianas, calasâncias, cavani e outros.

PARA REFLETIR

Quais realidades escolápias existem na presença de que você participa? (Paróquia, Colégio, Obra Social, Comunidade religiosa escolápia, Fraternidade, Movimento Calasanz, Itaka Escolápios etc). De que forma cada uma dessas realidades atualiza o carisma e a missão de Calasanz?





ESCOLÁPIOS - BRASIL
Ordem das Escolas Pias

movimento
calasanz



FRATERNIDADE ESCOLÁPIA
BRASIL



ITAKA
ESCOLÁPIOS

